

revista gueto



# número quinze

edição trimestral | 2020

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

thássio ferreira	helyana manso	manuella bezerra de melo	
luci collin	rodrigo novaes de almeida	veronica stigger	tiago germano
sérgio tavares	beatriz thibes	franklin carvalho	liliane prata
rafael mendes	inês filipa vieira brandão	fabio mariano	
rosângela vieira rocha	bruno ramalho de carvalho	katia marchese	
armando freitas filho	leonardo tonus	constança guimarães	
maria valéria rezende	tomaz amorim izabel	flávia andrade	
rodrigo garcia lopes	itamar vieira junior	beatriz h. ramos amara	
pádua fernandes	iolanda brito costa	michaela v. schmaedel	
micheliny verunschik	sofia a. carvalho	ronald augusto	
nayara c. p. valle	tito leite	mariana varela	jussara salazar
leandro rodrigues	felipe pauluk	cândido rolim	olive schreier

gueto editorial

# revista gueto número quinze edição trimestral | 2020

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

curadoria editorial  
Tito Leite e Christiane Angelotti

edição  
Rodrigo Novaes de Almeida



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© revista gueto, 2020

<https://revistagueto.com/>

**edição trimestral | número 15**

154 páginas | Selo Gueto Editorial © 2020

### **Fundador e Editor-chefe**

Rodrigo Novaes de Almeida

### **Editora**

Christiane Angelotti

### **Curador Editorial**

Tito Leite

### **Contatos**

[https://revistagueto.com](https://revistagueto.com/)

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

### **Licença**

[Creative Commons](#)

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

O Moinho | Rembrandt (1606-1669)

# Sumário

## conto

Thássio Ferreira | 06  
Helyana Manso | 13  
Manuella Bezerra de Melo | 16  
Luci Collin | 23  
Rodrigo Novaes de Almeida | 27  
Veronica Stigger | 30  
Tiago Germano | 31  
Sérgio Tavares | 37  
Beatriz Thibes | 41  
Franklin Carvalho | 46  
Liliane Prata | 54  
Rafael Mendes | 57  
Inês Filipa Vieira Brandão | 61  
Fábio Mariano | 65  
Rosângela Vieira Rocha | 73

## poesia

Rafael Mendes | 79  
Bruno Ramalho de Carvalho | 80  
Katia Marchese | 82  
Armando Freitas Filho | 84  
Leonardo Tonus | 87  
Constança Guimarães | 90  
Maria Valéria Rezende | 95

Tomaz Amorim Izabel | 97  
Flávia Andrade | 99  
Rodrigo Garcia Lopes | 104  
Itamar Vieira Junior | 107  
Beatriz H. Ramos Amaral | 111  
Pádua Fernandes | 114  
Iolanda Brito Costa | 116  
Michaela v. Schmaedel | 118  
Micheliney Verunschck | 121  
Sofia A. Carvalho | 124  
Ronald Augusto | 128  
Nayara C. P. Valle | 131  
Tito Leite | 133  
Mariana Varela | 135  
Jussara Salazar | 139  
Leandro Rodrigues | 142  
Felipe Pauluk | 144  
Cândido Rolim | 147

## tradução

Olive Schreiner por  
Rodrigo Moncks | 151

conto

0

**Thássio Ferreira** | Escritor, publicou os livros de poesia *(DES)NU(DO)* (Ibis Libris, 2016), *Itinerários* (Editora UFPR, 2018), obra vencedora do I Concurso Literário da Editora UFPR, e *agora (depois)* (Autografia, 2019). Mantém a coluna “Alguma coisa em mim que eu não entendo”, na Revista Vício Velho, e tem contos e poemas publicados em revistas como Revista Brasileira (nº 94), da Academia Brasileira de Letras, Escamandro, Gueto, Ruído Manifesto, Mallarmagens, Germina, Revista Ponto (Sesi-SP) e InComunidade (Portugal). Seu conto “Tetris” foi o vencedor do Prêmio Off Flip 2019, e seu livro inédito *Cartografias*, finalista do Prêmio Sesc 2017.

### *Laura e Sara*

**N**a praia: elas já quarentonas, bem quarentonas, encontrando-se para um fim de semana, depois de tanto tempo. Tantos tempos, aliás. Nesta tarde se poderia marcar o tempo em muitos *desdes*. Trinta e sete anos desde. E trinta e dois. Vinte e nove. Vinte e quatro. E treze anos desde, este dói tanto, mas elas calam, como calam tanto. E agora sete. Sete anos desde.

Descem a pequena trilha escarpada ajudando uma à outra. Laura, a mais velha: tênis, shorts, camiseta, boné, muito protetor, muitos cuidados a cada passo, calculando-se em cada movimento. Sara de biquíni e havaianas, cabelos ondedados a média altura, as pontas mais alouradas, as raízes já brancas, vindo à frente, contravento.

Quando chegam à areia, Laura tira os tênis e a camiseta, confere se a parte de cima do biquíni está bem amarrada, e avança, a bolsa cheia ao ombro esquerdo. Sara leva às mãos apenas as havaianas, a carteira na bolsa de Laura, já que.

A praia quase inteiramente vazia de tudo que não a substância do vento, aquela luz, a quentura do sol. O mar verde.

Caminham com deleite.

— Essa areia fininha significa que a praia é bem antiga, geologicamente. Feito nós duas — diz Laura, e ri, buscando cumplicidade.

Sara ri de leve, partilhando aquele pão com a irmã, desde quando mesmo não se veem? Sete anos. Parece haver amor ali. Mas o amor é sempre por um fio. Talvez, no caso delas, como tantas de nós, o fio às vezes seja mais frágil, menos disposto a: resistir — esse esforço que dói.

Aquele riso que não presenciava há longos anos deixa Laura confiante. O ângulo de cada onda num determinado momento em qualquer praia incita riscos imensuráveis:

— Você tem falado com o Carlos?

A outra crispava-se um pouco, mas tenta não perder a candura da voz, o sol é tão bom, sete anos, a areia molhada. Macia.

— Você sabe que não.

— Na verdade não sei. Não sabia. Não de verdade.

— Você sabe que ele não fala comigo desde... Só no velório da mamãe...

— Eu sei. Mas justamente, depois do velório, talvez...

— É. Mas não.

Chegam mais ou menos ao meio da praia. Sara olha o mar, com o queixo levemente erguido. À custa de muita porrada, aprendeu a levar o queixo sempre em riste para conseguir enxergar o horizonte. Se baixa a guarda: fim de linha. O fim da linha pode ser muito próximo, muito rápido, em cada esquina, ela sabe. Já viveu alguns. E conseguiu tecer novos carretéis.

Laura tira uma canga da bolsa e estende na areia. Em vez do mar, fica olhando a mais nova, com ternura, aquele corpo bonito. Não é que ela ainda estranhe, faz tanto tempo desde, mas por baixo da calma ela sempre se indaga como a irmã seria se ainda fosse Pedro. Se ela não fosse quem é. Lembra Simone de Beauvoir: não se nasce mulher, torna-se uma.

A outra segue mirando as águas, tão longe de quando era Pedro, mas também já era Sara, ela também conhece Beauvoir e entende, e concorda, mas para ela é mais confuso e ao mesmo tempo tudo é tão certo, esse sorriso olhando o mar, foi tão doloroso tornar-se essa mulher que ela já era e seguir tornando-se a mulher que ela quer ser e isso não acaba nunca, ela sabe. Por isso olha o mar. E sorri.

— E você, tem falado com ele?

— Muito de vez em quando.

— E como ele está? Ele e todo mundo — pergunta, novamente compartilhando pão com a irmã. Ela sabe que Carlos não pergunta dela, o amor naquela família sempre foi tão difícil. Exceto pela mãe, que feito um verbete de amor — **amor** \ô\ s.m. 1. Dona Carmen — dizia-se pelos cômodos da casa, cuidando da prole, feito uma cola entre todos e todas, impedindo o pai de expulsá-la quando, e quando necessário, com a dureza de que só os amores incondicionais são capazes, como: se recusando a ver o filho enquanto ele se recusasse a ver Sara, e depois tornando a vê-lo por causa da primeira neta, e o desobedecendo ao falar à menina sobre a tia, mostrar fotos. Agora são apenas ela e Laura, depois do pai, da mãe, e enquanto Carlos se recusa. O amor é tão difícil, é preciso praticar. Ela se vira para a irmã aguardando a resposta, o rosto franco, sem mágoa.

— Estão bem. Letícia vai fazer sete anos, *tá* aprendendo a ler. E o Tiago já *tá* falando. A Vanessa pergunta de você, quando o Carlos não *tá* perto.

É bom compartilhar o pão.

Sara volta a fitar o oceano. Mas em cada ângulo, em cada onda, em cada instante, o risco imenso, iminente. Ela não vê. Começa a desamarrear o biquíni.

— Vamos na água.

— Mas por que você *tá* tirando o biquíni? — Sara já está tirando a calcinha. As pupilas dilatadas de Laura: — Sara, por favor...

A voz dela não é apenas de súplica. Há uma ordem ali, de irmã mais velha mas também algo maior, algo que a caçula conhece bem, e que dói tanto, aquele desamor de tanta gente ordenando seu corpo, feito não tivesse o direito de sorrir ao sol e correr ao mar da forma que deseja, por que, por que não?

Ela para, a calcinha pelos tornozelos, entregando-se à areia em sua própria nudez de tecido: despida de vestir outra nudez. Dessa vez a pergunta sai-lhe petulante, como não fora quando perguntou se a irmã falava com Carlos, se ele estava bem, ele e todo mundo, as crianças, a esposa submissa:

— O que que tem, Laura?

O queixo levemente erguido. Abaixar a cabeça é fim da linha, ela conhece os fins de linha, e deixar que mandem em seu corpo é



um que: nunca mais. No átimo de tempo que segue à pergunta, ela se vira, o queixo agora erguido à irmã, ela toda nua, *eu sou assim, eu não sou esse biquíni, a gente tem que ser o que é, tantos anos e você ainda não entende isso, que eu tenho que ser quem eu sou?*

— Isso não é uma praia de nudismo.

— *Toda* praia é de nudismo, Laura. Aliás, as praias não são disso, nem daquilo, nem de nada. Elas estão aí, simplesmente, e que bom que a gente pode curtir. Peladas, inclusive.

— *Tá* bom, eu sei, não precisa vir de papo militante, você entendeu o que eu disse. *Putz*, será que tudo precisa ser uma luta pra você?

— Eu luto quando preciso. — O rosto sério.

— Você não precisa lutar comigo. Não agora. Eu só acho que você não devia... A gente nem conhece aqui, pode chegar alguém a qualquer momento, pode passar um barco, eu não *tô* falando nada demais, a gente veio de biquíni, custa ficar de biquíni? — A voz trêmula. Sara luta quando precisa, e só ela pode dizer quando precisa. Laura sabe.

“Você não precisa lutar comigo”. Não? As duas se olham. Quando um não quer, dois não brigam, a mãe dizia. Não? Como é difícil saber o momento de lutar e o de estender a mão. O amor é tão difícil, a cada ângulo, cada onda, cada instante. Tantos riscos imensos, e a gente quase nunca sabe quando é mais arriscado amar ou lutar. O gosto do pão secando na boca.

— Você não precisa tirar o seu biquíni se não quiser, mas não vem mandar no *meu* corpo.

— Eu não quero mandar no seu corpo!

— Vocês nunca querem. Mas sempre acabam tentando.

— Que vocês, Sara, para com isso, *tá* só a gente aqui, a gente veio aqui pra se conectar...

— Exato! — Sara a interrompe. — Estamos só nós aqui, e a gente veio pra se conectar, então deixa eu me conectar com a natureza do meu jeito, e me conectar com você do jeito que eu sou, eu sou essa mulher aqui, Laura: nua, sem vergonha de quem eu sou, não vem jogar em mim nenhuma vergonha que *você* tenha do *meu* corpo ou do *seu*.

A outra se retrai, molusco, diante da nudez erguida da irmã. Ressentida, um pouco. Magoada, quase no sentido físico da ostra que se magoa, em sua carne gelatinosa, ao contato de qualquer rispidez, qualquer matéria afiada. Nua também, a seu jeito, na fragilidade da nudez, ao contrário da irmã: bicho forte na sua entrega ao mundo.

— Você sempre me acusa... Acusa a gente... — ela sussurra, entre atordoada e vestindo-se também para o combate, molusco-aranha, embora sem porquê. Pelo que lutam os que não precisam? Para mostrar que podem. Para fugir ao amor, tão mais difícil do que a luta mais renhida.

— Agora é *a gente*? Não era só nós duas? Você nem percebe... Por que você não me deixa ficar nua se eu quiser? De verdade, Laura, por quê? Eu sou tão adulta quanto você, eu sei o que eu tô fazendo... E daí se chegar alguém? E daí?

Ela mira firme os olhos da irmã sentada na canga, e dentro daqueles olhos o que ela sabe que eles veem, mesmo depois de tanto tempo: Pedro. Desde sempre. O amor é tão difícil, e Laura não consegue. Se não fosse aquele fantasma nos olhos da irmã, talvez Sara conseguisse, e pudesse amar pelas duas, por Carlos, pelo pai, por tanta gente do outro lado do morro que separa a praia do mundo; mas Pedro, ali, naquele olhar fechando-se como um punho, Pedro sempre nos olhos de Laura, porque ela não consegue.

Talvez se aquele olhar fosse de outro, de um estranho, talvez Sara perdoasse. Mas ela também não consegue, o amor é tão difícil, deus, e nenhuma delas consegue. “Não se nasce mulher, torna-se uma”, *então eu preciso ir até onde não quero pra me tornar plenamente mulher aos seus olhos, Laura, pra extirpar esse fantasma da sua visão, então eu vou*. Ela se arma com a rapidez de quem já lutou incontáveis vezes, de incontáveis maneiras, mesmo com armas que talvez não devesse, ela sabe como dói ser humilhada, ela poderia não retribuir a dor com dor, mas:

— Você tem inveja do meu corpo, Laura. Fica aí com as suas banhas se dobrando por cima do biquíni.

Tão difícil.

— Pelo menos eu não tenho esse monte de cicatrizes. Cicatriz de quem apanhou na rua, apanhou de macho, essas marcas horrorosas, olha pra você!

— Isso aqui são marcas da vida, sua escrota. A vida é isso aqui, não sua assepsia, no seu carro fechado, no GPS do celular, no ar-condicionado, naquele seu emprego, seu dia a dia sem graça, sem risco! — Ela lembra aquele vídeo engraçado que se popularizou na internet, com um cara mais velho esbravejando a um adolescente assustado: *a vida não é a porra do seu toddynho gelado não, moleque!* Toddynho, será que ainda existe? Toddynho, yakult, danette, marcas que não são marcas de verdade, não na concretude mais exata da existência, será que ainda existem? Essas existências sem muita concretude. Feito Pedro nos olhos da irmã.

— Vai se foder, Sara, você acha que viveu mais porque sofreu mais, porque apanhou mais?! Você acha que é melhor do que eu, do que tanta gente, porque se fodeu mais?! Talvez você tenha merecido boa parte das porradas que levou, porque você quis, porque você pediu!

— Cala a boca, você não tem ideia do que tá falando, você tá aí a mesma princesinha de sempre, achando que entende a dor dos outros e que pode mandar nos outros, mandar *em mim*, mas você não tem ideia do quanto você é ridícula e patética nessa sua vidinha bem comportada, sem marca, sem luta, sem sentir a porra do sol na pele nua! Você não sabe porra nenhuma, Laura!

— Sai daqui, sai daqui! Me deixa em paz, eu não vou deixar você estragar minha praia com os seus complexos e essa raiva de sempre, eu... Eu...

Antes que ela abaixe os olhos, Sara vê. Não há mais Pedro ali. Laura sentada, quase tremendo, quase à beira de chorar. Sara não queria que fosse assim, mas não consegue de outro modo: desde quando mesmo? Desde quando precisa enfiar assim suas mãos de sangue e terra na irmã até destroçar o conforto da imagem que a outra tem de si, para que só assim a imagem de Pedro também suma? Mas antes Laura se recuperava mais rápido. Ou talvez seja dizer que antes ela se recuperava.

Hoje, o sol pesa-lhe mais. Sara vira-se em silêncio, sacode a calcinha com os pés e vai ao mar. O amor é tão difícil.

Tudo isso e: ao longe, tão longe que não me enxergavam, cotovelos à areia, eu as olhava, com a banalidade de uma tarde de sol, começando a se odiarem para além do cicatrizável. E ainda seriam irmãs por muito tempo.

**Helyana Manso** | Formada em piano erudito, cantora de música popular e fotógrafa, agora também escreve. Passou por oficinas de escrita com Marcelino Freire, Ronaldo Bressane e Reynaldo Damazio. Tem dois contos publicados em coletâneas e foi selecionada para cursar, em 2020, o Clipe (Curso Livre de Preparação do Escritor), promovido pela Casa das Rosas. Nele, já passou pelos módulos de Anita Deak, Rafael Gallo, Sheyla Smanioto, Cris Judar e Cidinha da Silva.

### *aquele grão de vento no cabelo*

*Dedicado a M.C.*

O barulho dos compartimentos de bagagem sendo fechados, aquele estalo de plástico agora mais seco pelo ar frio e tratado da aeronave. Vozes dos comissários de bordo, as pessoas falando baixo, é meio da madrugada, silêncio dentro e fora. Fora do avião, fora da pista, dentro das casas. Silêncio.

Você fala comigo, ouço sua voz no primeiro plano desse fundo que reconheço, o barulho dos compartimentos de bagagem sendo fechados.

À sua direita, essa mulher não está com você. Você está comigo.

À sua esquerda, esse homem também não está com você. Comigo, você está comigo.

Você me fala do dia, de como se apressou, como cansou, como o almoço foi curto, mas bom; da correria para chegar ao aeroporto. Eu te ouço o tempo exato depois; começo a ouvir quando você para de falar. Enquanto te ouço, você já está falando de novo. Ouço com o olho na nova gravação sendo feita, pensando que a conversa ainda não terminou, pensando, que bom, ainda estou com ele.

Você, essa mulher, esse homem e mais tantas outras pessoas estão já compartilhando o momento tão único que é viajar de avião; e que parece banal mas não, não pode ser banal; vocês entraram dentro do corpo de metal, corredor, o bicho cilindro que aguenta a intempérie, que se equilibra em tão absurdamente pequenas

rodinhas e, com vocês sentados quase sem conforto, taxia e voa. Ele voa. Ele voa com vocês dentro.

E quando vocês saem de dentro dele, vocês não estão mais aqui, estão lá. Chegaram lá como pedra que cai na água e não gera vários círculos antes do último, apenas o último que chega na borda. Chegaram lá sem pisar a terra, o asfalto, a grama, o caminho entre o aqui e o lá; sem que a umidade do ar se alterasse; sem chuvas no rosto, apenas traduzidas em turbulências, as chuvas se expressando no chacoalhar do corpo. Chegaram sem que o sol fosse esticando e encolhendo e esticando a sombra.

Você foi de um lugar a outro com sua sombra intacta.

Você, essa mulher, esse homem e mais tantas outras pessoas estão compartilhando tudo isso e, no entanto, você está comigo; você compartilha comigo, e eles que compartilhem entre eles, a mulher, o homem e todos os outros no avião. Eu fui enfiada aqui, sentada entre os dois, entrada pelo seu ouvido, saída pela sua boca.

Sorrio, sim, sorrio na madrugada da minha casa, sozinha e silenciosa, dentro e fora, esse silêncio tão especial da minha cidade mesmo durante o dia, silêncio de muitas vozes e poucas máquinas, de caminhos percorridos por braços e pernas. Sorrio agradecida pelo momento que você divide comigo como se voar nada fosse. Me conscientizo da prioridade momentânea que ganhei, seu telefone te afastando dos vizinhos de fileira, do cheiro antisséptico, mas real; dos desconhecidos, mas reais; seu telefone te aproximando da realidade do seu pensamento, nos transportando para um lugar nem cá nem lá, um lugar cavado nessa fileira de três pessoas, ela, ele, eu e você. Fui transportada para dentro desse avião e entro humilde nos seus ouvidos, vinda da sua lembrança. Não esperava ser lembrada na partida.

Obrigada pelo embarque. Pena eu não poder decolar, é do que mais gosto. Agora você viaja só, com mais tantas outras pessoas, algumas e outras não sós.

Penso que, quando você voltar, quando a ausência do ruído das máquinas da minha cidade te receber, eu voltarei a ser um ponto no radar, relembrado a cada pulso. E, em algum momento, o meu acender vai coincidir com seu círculo concêntrico mais interno e receberei uma mensagem, talvez um café, talvez um café de manhã.

Teria gostado de viajar com você, morando em seus ouvidos, em você, te acompanhando no calor dos dias. Mas não me incomoda esperar sua volta para construir, ao alcance do seu toque, a minha existência em você; a minha existência que você vai carregar consigo, nos bolsos, nos cabelos, entre os dedos e que estará mesmo quando você for, quando fechar a porta, quando atravessar, quando cobrir com o lençol e perguntar cadê.

Ainda na mesma semana, ao abrir a janela, verei minha rua transformada em canal. Minha sala transformada em canal. Finalmente Veneza será mesmo uma cidade canal. Pontes que saem das águas e levam às águas. *Acqua alta*. Meus móveis arruinados, os tapetes, a tinta das paredes, talvez os eletrodomésticos. A luz preventivamente desligada na madrugada.

Eu sei. Esta *acqua alta* formada por maré, tempestades, aquecimento, lixo na lagoa e o fato raro que precisa confluir para amarrar todos os fatores e criar o fenômeno, para que a água suba verdadeiramente. E ela subirá. A definitiva *acqua alta* precisa do Siroco, o vento brotado no Saara, subindo para o norte e abalando a Espanha mas que, só de vez em quando, com muita força, chega até aqui.

E se ele chegou, e então eu sorrio com a *acqua alta*, apesar do meu abalo pelas perdas, nossas perdas, objetos, tintas, paredes, afrescos, igrejas porque, se o Siroco chegou, é porque cheguei aí. Entrei naquele avião com você e desembarcamos no deserto.

**Manuella Bezerra de Melo** | Jornalista, escritora e investigadora. É mestre em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas e doutoranda em Modernidades Comparadas; Literaturas, Artes e Cultura pela Universidade do Minho. Autora de *Pés pequenos pra tanto corpo* (Editora Urutau, 2019).

### *meia de leite*

Sentiu um arranhão áspero, mas também suave no seu rosto. O sonho não era dos melhores, contou-me, por isto acordar pareceu-lhe bem. Fidel estava à sua frente, tão cinza como sempre. Os seus olhos azuis eram sedutores. Bem sabia que este lambia a sua cara porque desejava recompor o seu prato de ração, fez como fazem os gatos: pedem sem rodeios, incomodam sem o receio humano de não serem amados por isto, com as suas belezas e incômodos. Fidel tinha a certeza de que banalidades como a interrupção do sono não mudariam um sentimento de afeto profundo. Tinha as certezas que faltavam à Isabella, que já me contou o quanto aprende com ele. Beijou-me a testa e levantou-se. Sonolenta, vi-a caminhar até o saco de ração. Proveu a tigela, sentou-se à beira. Descabelada, vestia um pijama de flanela com motivos infantis, apreciou a fome de Fidel enquanto tirou a camisola por uns instantes. Pôs os seios à mostra para o sol. Condiziam: seios não tão jovens para uma mulher não tão jovem, seios não tão velhos para uma mulher não tão velha. Estava satisfeita. Por acaso, a luz era um evidente remédio, há de aproveitá-la.

\* \* \*

Quando Isabela entrou na minha vida pareceu diferente desta que é agora. Sem juízo de valor, apenas diferente. Mantenho-me ao seu lado pela sua impressionante capacidade de se modificar a si, de mostrar fragilidade, da própria reinvenção, como quem cria todo dia um novo personagem. Não é do tipo que se arrepende, só arremessa o corpo. Quando desiste, avisa, não desperdiça tempo. Mas como fazer uma mulher desta estatura imensa ver-se tão enorme quando ela só se consegue perceber pequena?



\* \* \*

Ela não gosta quando lhe chamam de guerreira, diz que não foi feita uma consulta para lhe dar esta condição, que nunca pediu esta patente. Mas o que ela não aceita é que há certas coisas que nós somos ainda que odiemos sê-lo. Enquanto o mundo corre atrás das suas patentes, ela rejeita-as. Só queria não tê-las, só queria não precisar de lutar, queria uma vida banal, sem armaduras nem capacetes, sem escudos nem batalhas. O cansaço vem-lhe todos os dias às 21h. Apaga-se ao meu lado como quem confia, deixando à mostra o seu flanco para o inimigo.

\* \* \*

Um dia ensolarado, vi-a passar a pé com uma sacola. Tentei fazer com que ela percebesse que eu a tinha visto. Caminhava como quem se defende; atenta, erguida, ereta. Não tinha tempo para plenitudes, contemplações. Na cidade, em setembro, a árvore de um fruto especial florava e despejava fragmentos violeta no chão das ruas do bairro. Avistei-a a dobrar a esquina embaixo de um jambeiro, em cima de um tapete que, sem fim, era um guia, um caminho a ser seguido na trilha. Decidi esperar. Não sabia muito bem o que esperava. Supus ou convenci-me que ela apareceria novamente. Em alguns dias até me esqueci, pareceu-me delírio. Cheguei a duvidar que ela existisse. Algumas situações da vida podem parecer alucinatórias. Talvez eu tenha tentado inventar uma mulher. Nem saberia explicar o que poderia ter de especial alguém que vi passar uma vez na rua de casa, mas as nossas abstrações são o nosso traço mais bonito, alguém se torna magnífico por aquilo que nem mesmo se pode ver. Pude ler no seu andar, o de Isabella, o seu propósito de vida, ou deduzir, ou especular. Não era possível saber muito sobre ela, mas era possível desvendar seu propósito. Era possível que tivéssemos propósitos similares, acreditei.

\* \* \*

Hoje Fidel veio lambe-me a mim. Eu já estava um pouco acordado e pela manhã todo o gato percebe quando o seu corpo já está próximo de despertar. O facto é que Fidel me lambeu uma vez só até eu abrir os meus olhos. Levantei mas fui primeiro à casa de banho. De pé, urinei a minha sensação de gozo matinal. Depois alcancei o saco de ração, encostei-me na parede e despejei na tigela. Terminei o meu sonho ali mesmo, de pé ao lado do Fidel, que não gosta de comer sozinho pela manhã. Isabella seguiu deitada. Voltei até à porta do quarto e de pé olhei-a. Dormia com a barriga para cima e as mãos sobre as coxas. Não estava totalmente entregue. Isabella vivia à espera da próxima guerra. Ela não queria, mas sabia que viria porque sempre chegava a hora.

\* \* \*

Quando tinha nove anos, Dona Carmen casou-se outra vez. O pai biológico de Isabella é um vagabundo aproveitador de mulheres. Até que um dia dona Carmen mandou-o embora, Isabella tinha menos do que dois anos. Ficou sozinha até conhecer Gonçalo, tão gentil, carinhoso, atencioso com a sua filha, que na altura necessitava de uma referência paterna. Eis que chegou a hora, aos nove anos Isabella foi violada pela primeira vez, dentro de casa, em cima de seus lençóis cor-de-rosa. Aconteceu como um ritual de sacrifício. Assim que a Dona Carmen comentou que Isabella tinha ganho a sua primeira menstruação, ele esperou uma semana e numa oportunidade sozinho com a menina trancou-a e disse que agora ela já era uma mulher. Um dia, bebeu seis copos de vodka explicou os detalhes. Ele segurou-a de costas e a violou-a pela vagina e pelo ânus, com o pênis e outro objeto que ela ainda hoje não sabe dizer qual foi. Tinha os olhos fechados, o maxilar latejava dormente de tanto que apertava os dentes. Quando se sente desprotegida, até hoje lhe doem os maxilares. Num momento, virou-a de frente para ejacular. Consumado, espalhou o seu gozo com as mãos por onde deveriam estar os seus peitos, eram uma amostra quase imperceptível deles, e pela cara, enfiando os seus dedos sujos na sua boca pequena e roçando-os na língua. Pronto, agora Isabella era

mulher. Desde então para todo o sempre, ser mulher foi sinônimo de dor, desespero, imundice, asco, ódio.

\* \* \*

Vivo na Rua Amorosa, na esquina há uma padaria e era lá que estava, a tomar café sozinho numa mesa para quatro pessoas, quando avistei uma mulher de costas. Era só uma mulher que nunca tinha visto, mas não exatamente. Na verdade não havia reconhecido Isabella, de quem eu ainda não sabia o nome. Tinha cortado os cabelos, e do ângulo que avistei estava magra demais para ser a mulher que vi passar debaixo do jameiro na esquina da Rua. Ou talvez já a tivesse esquecido, haviam passado meses. Sete, oito? Mas o esquecimento foi embora tão depressa ela virou o corpo para o lado direito, onde estava posicionada minha mesa. Não vou dizer que parecia cena de propaganda de shampoo porque talvez eu tenha inventado isto para mim mesmo como uma criança inventa os seus monstros no armário. Mas sim, ela virou-se quase em câmera lenta e piscou os olhos, os cabelos moveram-se devagar, esvoaçantes na minha direção. E ainda que pareça ridículo, foi nessa descrição patética de romance que os nossos olhos se encontraram pela primeira vez. Poderia dizer que ela estava muito sedutora, mas a verdade é que ela nem é sedutora, ao menos não assim, à primeira vista. Eu vi que encontraram os olhos, mas ela jamais admitiria. Isabella não olha nos olhos dos desconhecidos, e muitas vezes não olha também dos conhecidos. De repente, ela volta-se imediatamente para o outro lado e senta-se no balcão de costas pra mim, de frente para a porta. A não ser que eu entrasse e saísse de novo da padaria poderia cruzar novamente o seu olhar. Isabella sabe defender-se. Segui de longe a observá-la e tentei não invadir o seu espaço. Seu pedido, pão com manteiga e uma meia de leite ‘com mais café do que leite’, ouvi-a dizer. A cadeira ao seu lado no balcão ficou vaga e sentei-me devagar com a cautela de quem joga um jogo desconhecido. Ela seguia de costas, calça jeans, camisa branca, os chinelos e os cabelos emaranhados decretavam o descuido de quem sai de casa para tomar um café na padaria e não deseja ser incomodado. Certamente morava próximo dali. Arrisquei uma

conversa com o empregado sobre a troca da marca do café. Disse que o novo grão era muito amargo. Ponto. Ela virou-se para discordar: “Gosto deste, não troquem!”.

\* \* \*

Num domingo de sol Isabella decidiu ir à praia. Enquanto trocava de roupa no quarto, o telefone de casa tocou. Atendi e Dona Carmem anunciou:

- Avise-a, por gentileza, que o pai morreu ontem à noite.
- O que aconteceu?, perguntei assustado.
- Matou-se enforcado.

Isabella parou à beira do corredor. Pôde ver os meus olhos arregalados, telefone na mão, o silêncio.

- Meu pai morreu?
- Sim.

\* \* \*

Após consumir o ato, Gonçalo mandara Isabella ao banho. Ela esfregou o seu corpo até deixar parte dos braços com ferimentos. A sua vagina de criança estava ferida, o seu ânus sangrava. Colocou um absorvente, vestiu o pijama de flanela com motivos infantis, deitou-se no tapete ao lado da cama e dormiu exausta, como um desmaio. Quando Dona Carmem chegou Isabella já estava recolhida. Nada parecia fora do comum, era uma noite qualquer, mas não era. Daquele dia em diante, Gonçalo violou Isabella todas as semanas durante seis anos interrompidos.

\* \* \*

Depois daquele dia passei a frequentar a padaria diariamente na intenção de reencontrar Isabella. Cheguei a vê-la várias outras vezes por lá, cumprimentava-a como um vizinho educado. Um balançar de cabeça, uma mão suavemente levantada ao longe. Sem sorrisos ou insinuações. Ela andava como anda um trovão, pisadela forte, densa. Mulheres assim não aceitam serem surpreendidas.

Depois de algumas semanas, não estou certo de quantas, pedi um pão na chapa e sentei-me ao balcão. O local estava cheio, diferente dos outros dias, posicionei o flanco de costas para a porta. Logo ficou vago o banco ao meu lado, ela sentou-se. Não levantei a cabeça, mas reconheci as sapatilhas. Mantive os olhos no telemóvel. O meu pão chegou, pedi um refrigerante de limão.

— Não gostas mesmo do novo grão?

Era ela, falava comigo pela primeira vez.

— Não, é amargo demais.

— Não podemos iludir-nos que a vida é doce.

Eu sorri um sorriso médio. Ela sorriu pequeno. Ela sorriu um sorriso que quase não se notava, mas pude ver que estava lá.

\* \* \*

Quando o pai de Isabella se matou, ela não esboçou muita reação. Voltou para o quarto, tirou o maiô, vestiu o pijama de flanela com motivos infantis. Deitou-se na cama com um livro qualquer. Fui até sua beira e perguntei-lhe se havia algo que pudesse fazer. Perguntou-me se poderia ligar para o seu irmão para saber do enterro. O pai de Isabella achava-se esperto, mas era um canalha. Passou seis anos com Dona Carmem explorando-a diariamente. Dormia até meio dia todos os dias, não procurava emprego, não fazia comida, não lavava uma chávena. Às vezes fingia sair para procurar emprego e sentava-se no bar para passar o tempo até poder voltar para casa e passar o resto do dia a ver futebol na televisão. Era um embuste, um encosto, mas quando Isabella pensava nele tinha-lhe afeto, como quem agradece por nunca a ter violado. Ele perto de Gonçalo tinha-lhe ternura de pai, e no fundo talvez ela acreditasse que nunca tivesse acontecido caso ele não tivesse ido embora. Mas quando Dona Carmem o mandou embora, em menos de seis meses ele arranhou outra esposa, em menos de um ano ela estava grávida. Em menos de 10 anos ele estava na quarta esposa grávida. Isabella tinha três irmãos, um de cada esposa. Adélio, três anos mais jovem que ela, Priscila, a do meio, e Ana, uma miúda. Foi para o Adélio que telefonei quando o Patrício morreu.

\* \* \*

Passamos semanas a encontrar-nos na padaria. Sentávamo-nos nos mesmos bancos e conversávamos sobre pão, café, sobre o carro do ovo que passava às quartas-feiras pra acordar a vizinhança. Nesta altura eu já sabia o seu nome, já tinha podido ver parte dos seus dentes e percebido que havia doçura escondida no meio daquele peso todo.

- Percebi que já não tomas mais café.
- O café é amargo, Isabella.
- Eu gosto do amargo.
- Eu gosto de evitar o amargo.
- Tenho café de outra marca em casa. Queres?

Subimos as escadas, três lances. Entramos devagar, em silêncio. Sentei-me no sofá cor de telha. Havia uma janela com luz, plantas com flores, uma estante com livros, havia um gato.

- Como se chama?
- Fidel.

O Fidel ronronou, esfregou-se na sola do meu sapato. Isabella trouxe o café. Bebemos em silêncio.

- Por favor, se me quiseres tocar pergunta-me primeiro se podes.
- Posso tocar no teu rosto, Isabella?
- Sim. Sou mulher desde os meus nove anos.

**Luci Collin** | Curitibana, é ficcionista, poeta e tradutora. Tem mais de 20 livros publicados, entre os quais *Querer falar* (Finalista do Prêmio Oceanos 2015), *A palavra algo* (Prêmio Jabuti 2017) e *Rosa que está* (2019). Participou de diversas antologias nacionais e internacionais (EUA, França, Alemanha, Bélgica, México, Argentina, Peru, Uruguai). Traduziu Gertrude Stein, Gary Snyder, E. E. Cummings, entre muitos outros.

### *ressonância órfica*

Vamos nessa viagem ao pantanal ao matagal ao bananal ao quintal, por favor, diz que concorda comigo. A gente paga em 12 (doze) vezes sem furos e nem sente. Dessa vez a gente leva pouca bagagem. A gente faz fotos belíssimas e em todas os olhos sempre abertos e nunca vermelhos. Prometo que será lindo. Podemos fazer amor no pântano, imagina que maravilha, entre jacarés a nos assistir, curicacas, piranhas abençoando nosso conluio, corumbás-de-asa-chaleira, leões, como assim *É savana?* Como não tem? Tem sim, basta estarmos dispostos desinibidos vitaminados determinados que tem SIM.

*Pensa: sexo artesanal ortogonal emocional irracional fraternal tridimensional descomunal meridional fenomenal confessional devocional carnal excepcional passional marginal cardinal multifuncional proporcional infraconstitucional venal transcontinental tradicional patronal setentrional informacional original unidirecional adicional seminal multinacional sensacional profissional atitudinal organizacional diagonal regional ficcional*

Garanto que será inesquecível e completo, será insubmisso e regenerador. Pensa, por que não? Vamos nadar no mar morto, ártico, vermelho, balsâmico, no oceano abísmico, vamos galopar na via ápia láctea sépia arterial pública. Seremos inclusive públicos e únicos, faz um esforcinho, amor da minha vida, quebra o vidro, rompe o lacre, pisa na grama, flana, frequenta, aumenta o volume, sacode a poeira, se tiver vontade boceja. Não diz simplesmente

“deixa disso!”. Vamos viver com a intensidade dos grandes, pensar grande, meu benzinho.

*Imagina: podemos ir às compras, receber descontos, concorrer ao carro, dar depoimento de satisfação, sair no jornalzinho do bairro com foto e tudo, ganhar amostra grátis, ficar por dentro dos lançamentos, passar cartão, receber troco, doar moedinhas, jogar uma moeda na fonte, contribuir com grandes causas, derrubar suco na roupa, receber panfletos, anúncios, filipetas, convites para uma peça de teatro infantil, cupom pra almoço por quilo, vale-ducha, tomar um sunday duplo, jogar mini-golfe, pegar um cineminha, provar uma bermuda jeans.*

Basta um gesto seu que eu largo tudo, nem hesito, desisto completamente de sucesso fama louros pódio, largo emprego e nem questiono nem bufo, rompo com a família nem que não tenha, saio da fila que nunca chega mesmo a minha vez, abandono o cargo de confiança, largo vícios quaisquer que sejam, cigarro boêmia chiclete roer unhas, adoto novos hábitos, nunca mais implico, nunca mais assobio, não uso diminutivos, nunca mais ronco, nunca mais praguejo, não deixo queimar a comida, não deixo comida no prato, tomo a vacina, nunca mais palito o dente, compro roupa nova, faço regime e emagreço, faço dieta e engordo finalmente, vou pra academia, mudo de estilo, mudo o penteado, corto, deixo crescer, compro um carro, vendo o carro, compro uma bike e, sim, uso capacete sempre, vendo os meus discos e livros que afinal pra que que a gente guarda tanta coisa, torno-me minimalista, doo órgãos, troco a mobília, monto um aquário com galeão afundado, jogo fora as estátuas, rasgo cartas antigas, ando só a pé, nunca mais furo fila, nunca mais falo com a boca cheia, passo a gostar de berinjela, faço exame de sangue um hemograma completo, aprendo a fazer baliza tricô biscoitos planilha, volto pras aulas de inglês, mando cartões de natal, passo a limpo a caderneta de telefones, encero o chão da sala da área da varandinha, conserto o cano, arrumo a gaveta, queimo as fotos antigas, me desfaço da coleção de chaveiros, de autógrafos, de revistas, de selos, de posters, de esperanças, de dores, de arritmias — basta uma palavra sua.



Considera: *o grau de satisfação conseguida, as estatísticas, os gráficos comprobatórios, a eficácia, a metodologia executiva, as minúcias, os lucros, as bolsas e financiamentos, os desafios, as regras claras do edital, a logística mais que propícia, os sistemas de informação, a produtividade dos sentimentos, as cláusulas vigentes e as destituídas, os fatores humanos envolvidos, a liderança, a inovação, o incremento no currículo, as voltas que dá o sol.*

Amor não diz que a vida é complicação! Talvez na próxima quinta VOCÊ venha EU volte, o preço da passagem baixe, EU diga VOCÊ cale EU silencie perante a banda VOCÊ fale pelos cotovelos EU abaixe a cabeça talvez na quarta VOCÊ erga a cabeça talvez na terça EU saia antes e VOCÊ consiga ficar mais um pouco talvez os relógios todos atrasem os sinos não soem as andorinhas não cheguem as mariposas caiam no esquecimento a juventude passe talvez a velhice toda seja abortada e EU dance na frente da polícia e VOCÊ durma no topo da montanha em neve e EU cisme que o alaranjado é o mais bonito e VOCÊ confie na revolução dos astros talvez na terça talvez no sábado pela manhã talvez na casa da praia no meio da floresta na rua em dia de grandes promessas na esquina onde marcamos seria, poderia ser inevitável a perda.

Evita: *dizer que maçada, seu soubesse tinha ficado em casa, nada como o travesseiro da gente, tá salgado demais, tô com uma dor na perna esquerda, minha úlcera hoje tá me matando, minha vida hoje tá me matando a saudade é corrosiva as prestações vão vencer e eu não acredito no sistema que porre que tédio, evite a todo preço dizer que nada é tão ruim que não possa piorar e, por favor, por obséquio, por gentileza, por fineza, não venha com leis de murphy leis delegadas leis imperiais leis de seno e cosseno leis de trânsito leis de newton leis do universo em movimento.*

A lista que me pediste dos motivos porque te quero (separados por vírgulas): quero porque te quero, quero porque te quis sempre, quero porque quis querer-te, quero porque esperei para poder querer tanto, quero porque tanto esperei para ter o que era ter-te,

quero porque ter-te era tanto e era o tanto que eu quero, quero porque querer-te era o querido desde sempre, quero porque o desde sempre fez-se ter-te, quero porque os motivos se fizeram quando esperar era já ter-te, quero porque quis-te.

São dez

São dez direções que me levam a uma única

A minha pessoa mais íntegra no em mim que só existe com você.

O último recurso seria amar-te menos. Mas já tentei tratamento terapia benzedeira greve de fome greve de cama greve de mim e não consigo.

**Rodrigo Novaes de Almeida** | Escritor e editor. Fundador e editor-chefe da Revista Gueto e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores. É autor dos livros *Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos* (Editora Patuá, 2018), finalista do Prêmio Jabuti, e *A clareira e a cidade* (Poesia, Editora Urutau, 2020), entre outros.

### *cada palavra, uma morte*

Naquele tempo, não tínhamos dimensão de nossa ruína. As instituições democráticas ainda pareciam funcionar. Tivemos eleições para escolher nossos representantes do legislativo e do executivo. Alguns poucos já denunciávamos que as arbitrariedades cometidas pelos três poderes nos levariam à ruptura do tecido social e à barbárie. Não nos escutaram. Diziam que era exagero. Então, aconteceu. Já são trinta e três milhões de mortos. A guerra civil fragmentou o país. As organizações internacionais nada puderam fazer para evitar a catástrofe. Estados Unidos, China, Rússia e União Europeia não se entendem mais e travam suas próprias guerras que, apesar de permanecer na esfera econômica, atualmente vêm acompanhadas da ameaça nuclear. Logo o planeta se tornará um deserto radioativo e estaremos todos mortos e bem, porque a extinção da espécie será melhor do que o inferno que criamos para nós.

Antes da guerra eu era professora de História. Ninguém pode saber disso nos dias de hoje, eu não seria estúpida de contar e não há mais registros que nos comprometam — há anos o Ministério da Educação deixou de existir. O Brasil tornou-se a terra arrasada que os fundamentalistas neopentecostais tanto desejaram. Agora, pertencer a um templo é obrigatório e o sincretismo religioso que se manifestava em diferentes campos da nossa cultura também não existe mais. Não sei por que ainda penso nessas coisas. Talvez por nunca ter esquecido, quando entrei pela primeira vez no templo para o qual fui designada, a náusea terrível e inexorável que senti. Eu pressentia que a vida a partir daquele momento, com essa gente no poder, seria uma lenta putrefação.

Sobre os escombros do que restou do país, partes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, sobrevivo como carteira. A empresa dos Correios precisou ser reestatizada pelo governo de extrema direita, depois que os investidores estrangeiros foram embora, esse mesmo governo que provocara todo o mal através do qual passamos. Primeiro perseguiu todas as lideranças de esquerda, e as matou. Depois, as de direita que o apoiaram; a direita rentista, neoliberal, que se acreditava herdeira da longa tradição da burguesia que, um dia, em um passado agora apagado dos livros e que os fundamentalistas dizem nunca ter existido, inventou o Iluminismo.

Hoje não carrego cartas comuns em minha bolsa, mas um desses telegramas do governo central. Todos sabemos do que se trata. É a morte. Ou, antes, a notícia da morte de alguém amado para seus entes. Neste caso, para o senhor e a senhora Araújo, um casal de idosos pelo qual tenho afeição. Eu os conheci há alguns meses, quando passei a fazer as entregas no distrito que residem. Oferecem-me biscoitos e, às vezes, chá. São muito simpáticos, e sofrem por não ter notícias do filho desde o início da guerra. Eles têm esperança de que esteja vivo em algum lugar do Norte, onde as batalhas continuam. O rapaz foi lutar contra o regime que neste momento nos mantém reféns. Foi lutar por democracia e Estado laico. A senhora Araújo contou-me a história do filho tempos atrás, e eu disse que não a revelasse a mais ninguém, que não deveria ter me contado, pois era um risco desnecessário e ela e o marido poderiam ser presos apenas por proferir tais palavras. Então a senhora Araújo me respondeu de forma doce que não tinha medo, que era o medo a verdadeira arma desse governo e que ela não se renderia, como o filho não se rendeu e foi lutar por liberdade. Nesse dia, eu chorei, e choro agora porque sei que trago a morte de seu filho para sua casa.

Toco a campainha enquanto enxugo as lágrimas. A porta é aberta e vejo o casal. A senhora Araújo sorri ao me ver. Eu tento sorrir de volta, mas acho que não consigo. Tiro o telegrama da bolsa e entrego para o senhor Araújo, não quero que seja ela quem segure a morte do filho nas mãos. Mas o senhor Araújo lê o remetente e entrega o papel para a mulher. Ela abre o telegrama e, enquanto lê a breve linha, lembro-me que não lhes dirigi a palavra, nem ao menos um bom-dia. A senhora Araújo lê devagar aquela única linha, cada

palavra, uma morte a respeito da morte do filho que não havia se rendido, que foi lutar por liberdade, democracia e Estado laico. Eu começo a chorar outra vez. O senhor Araújo me olha e em seus olhos enxergo o terror, um terror definitivo, mesmo depois de todos esses anos de execuções, torturas e genocídio dos nossos povos, porque éramos muitos antes. A senhora Araújo entrega o telegrama para o marido, que lê: « Teu filho, um traidor, foi morto pelos heróis da pátria em nome de Deus. » Era assim que o governo central tripudiava dos familiares de insurgentes, sempre que conseguia identificá-los. Logo o símbolo da traição seria pintado com tinta vermelha no muro da casa e eles se tornariam párias, mas o degredo não perduraria. A marca também significava que a milícia poderia entrar e fazer o que bem entendesse com quem morasse ali. Seriam mortos por alguma alma cristã com sede de sangue. No entanto, neste instante, não há mais ninguém na rua. O senhor Araújo dá três passos para trás, cambaleando. Sua mulher está encolhida, como se protegesse o próprio útero velho e vazio. Ele murmura:

— Nosso filho está morto, Anna?

Ela responde:

— Como este país, Otávio.

| este conto faz parte da coletânea *Antifascistas*, à venda no site da editora [\[link\]](#). |

**Veronica Stigger** | É escritora, crítica de arte e professora universitária. Tem doze livros publicados. Entre eles, estão *Opisanie sviata* (2013), *Sul* (2016) e *Sombrio ermo turvo* (2019).

## *fantasmas*

O que se vestia de bailarina virou polícia; o que tinha ideias revolucionárias, também; a que lavava o cabelo com leite, advogada de causas perdidas; o comunista, carola; o de língua presa, *chef*; o mais pirado, dono de pizzeria; o que viera do centro do país, agrônomo; o bonitão da turma, médico em Estrela; a que amava os esportes, vegana; a de rosto redondo, arquiteta; o ruivo, também; o que não tinha os mamilos, contador; o que não brigava com ninguém, publicitário; a que brigava com todo mundo, técnica do Tribunal de Contas da União; o que misturava lambada com Frank Sinatra, ginecologista; a mau caráter, escritora; o discreto, fotógrafo; a fofqueira, tabeliã; o atencioso, como era de se esperar, professor; a Branca de Neve, proctologista; a que quase não falava fugiu para a Austrália; a crespa alisou os cabelos; o liberal continuou liberal; o grandalhão está estudando húngaro; o piadista ainda sonha em ir para a Tailândia; o que tinha cabelo de Príncipe Valente, para o Canadá; os dois que tinham doenças congênitas morreram aos 30 e aos 44 anos respectivamente; há ainda o que comprou uma casinha numa praia em Santa Catarina; o que se perdeu na Patagônia; o que vai sempre esquiar em Bariloche; o que foi morar na China; a que se escondeu em São Paulo; o que foi parar numa capital do nordeste; a que se encontrou em Brasília; o que se mudou para o interior do Rio Grande do Sul; o que voltou a morar com os pais; o piloto de avião; a ecologista; o bancário; a dentista; a defensora dos animais; a cuidadora de velhinhos; o gerente da loja de eletrônicos; o diretor da firma; o analista de sistemas; o engenheiro; a esportista; o treinador de futebol; as arquitetas; os arquitetos; as advogadas; os advogados; a professora universitária; o professor de línguas; a herdeira; o mendigo. E havia o Sandro, de cujos rosto e sobrenome ninguém se lembra, mas que, durante muito tempo, se sentou ao meu lado nas aulas.

**Tiago Germano** | Autor do romance *A Mulher Faminta* (Editora Moinhos, 2018) e da coletânea de crônicas *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), vencedora do Prêmio Minuano de Literatura e indicada ao Jabuti. É mestre e doutorando em escrita criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e foi bolsista do Programa Institucional de Internacionalização da CAPES na School of Literature, Drama and Creative Writing da University of East Anglia, na Inglaterra, por onde passaram o Booker Prize Ian McEwan e o Nobel de Literatura Kazuo Ishiguro.

## *germes*

**T**IA ALINA ERA GERMOFÓBICA.

“Você sabe sua tia como é, cheia de frescura.”

Era a frase que eu mais ouvia antes de me mudar para sua casa, na época da faculdade.

O que, para o resto da família, era frescura, para tia Alina era “protocolo de higiene”.

“Pro-to-co-lo”, ela repetia, entrando pela porta dos fundos, colocando o jaleco na máquina de lavar e se enfiando embaixo do chuveiro.

Porque tia Alina era médica. E não era médica de consultório não. Tia Alina trabalhava num dos maiores hospitais da rede pública de saúde.

Imagine agora um carcereiro claustrofóbico ou um piloto de avião com medo de altura. Esta era a tia Alina. Se as suas manias de limpeza surgiram antes ou depois da profissão, disso nunca soube. O certo é que tia Alina era daquelas que lavava até as roupas novas antes de usá-las, e viu meu primo caminhar a muito custo, sem nem ter aprendido a engatinhar direito, já perto dos dois anos, porque ela simplesmente recusava-se a colocá-lo no chão.

“Tente ser cuidadoso”, minha mãe recomendava. “Não vá me fazer vergonha na casa dos seus tios.”

E eu bem que tentei.

Mijar sentado foi a minha primeira providência. Era uma mudança de hábito justa, visto que o quarto onde fui hospedado não

tinha banheiro próprio e eu precisaria usar o do corredor, destinado às visitas. Eu tomava todas as precauções para manter a privada sempre limpa, e devo confessar que mais de uma vez me aliviei no chuveiro, durante o banho, só para evitar o ritual de desinfecção que tantas vezes me atrasou pela manhã, antes de sair para a faculdade.

Foi o meu primeiro tropeço.

Tia Alina não perdoou. Sentiu o cheiro atípico vindo do ralo e me chamou a atenção em plena mesa do almoço. Eu havia de convir que aquela não era mais uma questão de frescura ou de higiene da parte dela, mas de preguiça e falta de educação de minha parte: até o cachorro sabia o lugar certo de mijar naquela casa. Só não achei justo que ela precisasse fazer comigo o que fez com o bicho quanto era ainda um filhote, esfregando o mijo na minha cara assim, na frente de todo mundo. Terminei a refeição curvado sobre o prato, em perfeito silêncio. Rejeitei o suco de laranja, aquele líquido âmbar que debochava da minha falta e não me ajudaria a engolir o bolo de vergonha que se formou na minha garganta. Meu tio e meu primo me olhavam num misto de constrangimento e cumplicidade — ela havia aproveitado a ocorrência para passar um sabão também neles, que por vezes incorriam no mesmo vício. Dei minhas últimas garfadas e pedi licença, me trancando no quarto por todo o resto da tarde.

Não ousei usar o banheiro naquela noite.

Na manhã seguinte, tomei meu banho e deixei para fazer minhas necessidades nos banheiros da faculdade, nos reservados imundos usados por animais como eu, que não sabiam o lugar certo de mijar. O controle que eu tinha com a minha bexiga eu não tinha com aquele recente trauma, que me perseguiu por todo o resto da semana. Almoçava na casa da minha tia e logo voltava para o campus, passando as tardes e as noites na biblioteca só para ter onde fazer xixi. Foi assim durante todo o semestre. Só usava o banheiro da casa para tomar banho e escovar os dentes. Nos fins de semana, trocava o banheiro da biblioteca pelo do shopping, que passei a frequentar com o mesmo intuito de atender o chamado da natureza. Mapeei todos os assentos sanitários da cidade e mal parei em casa naquele ano.

Meu lugar vazio na privada, obviamente, se fazia menos notado que o meu lugar vazio na mesa das refeições. Minha tia



atribuía minha ausência ao empenho nos estudos e reluzia de um orgulho que brilhava como os azulejos do banheiro, nunca antes tão limpos. Nossas discordâncias só voltaram a aparecer, como manchas de mofo no mármore da pia, num dia em que fui ao banheiro renovar meus suprimentos de papel higiênico (não era sempre que tinham rolos nos banheiros da faculdade), e encontrei jogado no cesto de lixo o copo de vidro com o meu suco.

Eu havia levado aquele copo para o quarto meses atrás, quando tia Alina me obrigou tomar o suco de laranja com cenoura que fez para reforçar a imunidade e eu aleguei um refluxo para me livrar de beber aquilo na frente dela. No quarto, não hesitei em atirar o líquido pela janela, ignorando o faro comprovado de tia Alina, que na certa seria capaz de identificar o odor entre as plantas. Ela não era muito de sujar as mãos na terra do jardim, no entanto. Eu nem me lembrava mais daquele copo, que havia ficado largado ao pé da cama, quando consegui comprar um laptop com o dinheiro de minha primeira bolsa de iniciação científica e o advento da internet tornou minhas necessidades fisiológicas um pouco mais... urgentes.

E distraídas.

Tia Alina não ousou me recriminar de novo. Talvez por ser algo que envergonhasse a mim, claro, mas também a ela, muito mais que o outro delito que até seu marido e seu filho já haviam cometido, e ela não soubesse nem como começar a abordar aquele tipo de coisa, num pito na mesa do almoço ou mesmo numa conversa particular. Mas o copo com meu suco estava lá, na cesta de lixo do banheiro das visitas. Não deixava de ser uma espécie de recado unicamente direcionado a mim. Imaginei o nojo de tia Alina, apanhando aquele copo com a ponta dos dedos e levando até o banheiro. Teria ela pensado em lavar e reutilizá-lo, antes de jogar no lixo?

Passei a evitar olhar tia Alina nos olhos.

Até porque, a partir deste episódio do copo, as suas preocupações com a higiene do corpo passaram a integrar um projeto muito mais amplo: o da higiene da alma. Cristã fervorosa que era (como aliás eram o meu tio e agora o meu primo, recém-matriculado na escola dominical), tia Alina passou a reivindicar minhas idas à igreja junto com a família.

“Você tem que obedecer as regras da casa”, dizia meu pai ao telefone.

E de novo: eu bem que tentei.

Fui expirar meus pecados no culto e logo percebi o empenho que a minha tia exibia na regência do coral, solicitando das vozes a mesma limpidez que ela tentava imprimir na sua, pigarreando, preparando a garganta para os cânticos e louvores dirigidos ao seu Deus. A imagem de tia Alina de olhos fechados, com uma mão pinçando o microfone e a outra se desenvolvendo no ar, marcando o compasso das canções, me revolia o estômago com uma sensação que na época eu julgava ser o bolo da minha vergonha, gradualmente, se dissolvendo.

Afinal, eu vencera o constrangimento e estava lá com tia Alina: sendo um bom sobrinho, sendo um bom cristão.

O pastor começou o testemunho e senti uma nova pontada no estômago. Perguntei ao meu tio onde era o banheiro — no templo divino haveria de ter um trono reservado à obra de seus pobres fiéis. Meu primo me levou até os fundos. Por hábito, sentei na privada (imaculada como a do banheiro de tia Alina, bem diferente daquelas da universidade, às quais eu já me acostumara), mas logo estava ali ajoelhado, como um santo, vomitando todo o almoço daquele domingo. A náusea não era o bolo da minha vergonha diminuindo e sim aumentando, se misturando ao testemunho que ouvi do pastor naquele dia e aos sermões de tia Alina, reproduzindo suas opiniões na mesa do almoço sobre a sujeira dos homens aos olhos de Deus.

A germofobia de tia Alina passou a flertar com muitas outras fobias que, entre os amigos que fiz na faculdade de jornalismo, eu tinha vergonha de confessar. Recusava as caronas que ofereciam para ir ou voltar da universidade. Tive que abandonar a casa de tia Alina e me mudar para uma república antes de me tornar um outro tipo de pessoa, no momento em que ela percebeu que seu projeto de limpeza espiritual não surtiria efeito numa alma suja como a minha.

Voltei ainda um par de vezes à sua casa, já como visita, e não consegui nem usar o banheiro novamente nem beber o suco de laranja que ela oferecia durante as refeições. Tia Alina nos reunia em torno da mesa, nos convidava a agradecer ainda de pé a Deus, pelo

alimento, e assim que nos sentávamos eu esperava que ela revelasse os meus segredos, mencionasse a urina durante o banho ou o copo cheio do meu suco, me ridicularizando diante de toda a família enquanto nos servia uma travessa de salpicação.

Demoraram alguns anos até que eu esquecesse de toda essa história, e foi preciso que o mundo enfrentasse uma pandemia para que eu finalmente passasse a julgar tia Alina com um pouco mais de condescendência. Sua casa deveria ser atualmente o lugar mais seguro do mundo, eu pensei, e me revolvi na lama de um cinismo que insistia em ignorar que, como profissional de saúde, tia Alina estaria agora na linha de frente contra o vírus, provavelmente salvando vidas, enquanto eu podia me dar ao luxo de trabalhar em casa, escrevendo textos que ninguém leria enquanto estivesse ocupado na tentativa de sobreviver.

Quando, na reunião de pauta do jornal via Skype, sugeriu-se uma reportagem sobre as estratégias de confinamento de médicos como tia Alina, não hesitei em fornecer o seu contato para a colega escalada para a matéria. O texto, no entanto, saiu na semana seguinte sem as aspas da minha tia.

Não precisei consultar minha colega para saber o porquê.

A imagem de uma tia Alina ajoelhada diante de um quartel do exército já circulava há alguns dias nos grupos de WhatsApp mais inflamados da família. Era impossível não reconhecer tia Alina, que tantas vezes havíamos visto de máscara cirúrgica, orando junto com as suas colegas de igreja, protestando contra a quarentena e a democracia. Tia Alina trocara a ciência pela religião e pela política, com a mesma facilidade com que abandonara o jaleco branco e agora trajava a camisa da seleção brasileira de futebol, com a bandeira da pátria amada amarrada no pescoço.

Revi o vídeo muitas vezes. Sua condição de funcionária de um hospital da rede pública de saúde nem chegava mais a ser uma ironia, segundo os parentes que consultei: tia Alina há muito vinha fazendo da sua posição de funcionária concursada a principal bandeira contra o SUS e contra as corrupções de um sistema que, dizia ela, conhecia por dentro. “Deixando inclusive de cumprir a carga horária dela pra ficar militando no Twitter”, criticava um primo mais exaltado, no chat privado.

Na imagem pausada na tela do meu celular, por entre os fios ainda loiros da sua franja e a máscara caseira, fabricada com um tecido verde e amarelo, eu via os olhos azuis de tia Alina bem abertos.

Eles não exibiam traço algum de vergonha.

**Sérgio Tavares** | Nasceu em 1978. É crítico literário e escritor, autor de *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, e *Queda da própria altura*, finalista do 2º Prêmio Brasília de Literatura. Alguns de seus contos foram traduzidos para o inglês, o italiano, o japonês, o espanhol e o tâmil. Participou da edição seis da Machado de Assis Magazine, lançada no Salão do Livro de Paris.

## *cruzadismo*

Selmo e Regina estavam casados há trinta anos. Ambos aposentados por tempo de contribuição no segundo governo Lula. Selmo fizera carreira na gerência de magazines, depois de ser exonerado do serviço público pelo Plano Collor. Trabalhou na Sandiz, na Mesbla e passou treze anos na chefia do SAC da C&A. Regina era pedagoga. Logo que tirou a licenciatura, foi contratada por um colégio particular de classe média alta e lá ficou por toda sua vida profissional. Era conhecida como tia Rê. Escreveu um manual sobre a construção do pensamento na pré-adolescência, publicado por uma editora anã, cuja tiragem foi toda comprada por amigos, parentes, pais e alunos. Com o resgate do **1.** □□□, Selmo e Regina deram entrada no primeiro apartamento, com financiamento do Banco do Brasil. O restante aplicou em duas poupanças: uma para cada filha.

Cláudia era a mais velha. Formou-se em Biologia pela UFF, e agora trabalhava para uma **2.** □□□ que administrava ações socioeducativas para crianças **3.** □□□□□□□□□□ e em áreas de manguezais. Por conta disso, foi morar em **4.** □□□□□□□□. Eliana sempre foi rebelde. Viveu, na adolescência, o surgimento do movimento grunge, que levou quinze anos para superar. Pintou o cabelo de verde, usava camisões de flanela e coturno num verão tropical de quarenta graus. Fumava demasiadamente e se sustentava com empregos curiosos. Até que sofreu um acidente automobilístico e saiu do coma dizendo ter recebido um chamado. Mudou-se para o Canadá onde, de acordo com fotos que mandava, por e-mail, para os pais, ingressara numa comunidade religiosa que acreditava na

Segunda Vinda. Também casou-se espiritualmente com um 5. □□□□□□□□.

Sozinhos, num apartamento de dois quartos e uma varanda ampla, Selmo e Regina passaram a cumprir hábitos. Faziam o jejum juntos, liam o jornal e almoçavam. À tarde, Regina sentava para escrever uma série de romances policiais há dez anos engavetada, enquanto Selmo 6. □□ se concentrava na pintura, ora na jardinagem, ora em passatempos. À noite, assistiam uma série ou um filme na Netflix e dormiam. A exceção eram os sábados, quando chamavam um Uber e iam comer pizza e tomar vinho. Em algumas datas especiais, tinham encontros íntimos. Mas, agora, resumiam-se a carícias e chupamentos.

Então teve início a pandemia do Covid-19. Selmo e Regina se assustaram, por serem do grupo de risco, mas não embarcaram na loucura do papel higiênico e do álcool em gel. Enfrentaram o 7. □□□□□□□□ com parcimônia, fazendo compras por delivery, que higienizavam com água e sabão, depois espirros de álcool setenta graus. Selmo aprendeu, com vídeos de receitas no Youtube, a fazer pão e massa de pizza. O recorte do mundo que viam era a vista da varanda. Baixaram aplicativos de banco no celular, passaram a fazer exercícios e meditação, assistiam lives, tomando cerveja. A grande preocupação era com as filhas, sobretudo com Cláudia, que vivia no Norte do país, onde se concentrou altos casos de contágio e morte. Mas estavam bem, 8. □□□□□□; falavam-se por Whatsapp duas vezes por semana. De resto, era o isolamento.

Quer dizer, tinha os hábitos. Selmo até tentou, esquivou-se de um e 9. □□□□□, mas havia um costume que, para ele, era insuperável. Todas as manhãs, bem cedo, saía de casa para comprar o jornal. E não era tanto pelas notícias, e sim pelas palavras cruzadas. Uma mania de longe: sentar-se à mesa do café e resolver o puzzle. Então, quando tudo fechou, enviou um zap ao jornalista, pedindo que deixasse a edição do dia com o porteiro, que, avisado, depositava-a sobre o capacho. O pagamento era feito via transferência bancária, cobrindo os custos mensais. Regina vestia as luvas de plástico, a máscara e pulverizava os cadernos, um a um, com lysoform, antes de entregá-los a Selmo. A chaleira àquela hora já

estava piando, então era só escaldar o pó, sentar-se e dar início ao ritual.

Naquela manhã, o tempo estava negro. Temperatura sufocante, ar irrespirável e ventos fortes varriam todo o país. Selmo colocou sua caneca fumegante sobre o tampo de madeira e iniciou a leitura. Na manchete da capa, o presidente declarava que, diante da marca de cento e cinquenta mil mortos, a pandemia tinha sido superdimensionada. Regina pediu uma parte, mordeu uma torrada com brie e leu que o vice-presidente elogiava um **10.** □□□□□□ torturador da ditadura. Selmo, a essa altura, tinha passado os olhos na editoria de esportes e abria o Segundo Caderno, afoito pelas palavras cruzadas, que mal percebeu que uma **11.** □□□□□□ tinha sido repreendida e proibida de se manifestar contra o governo. Enquanto Regina lia que o país voltava a figurar no mapa da fome, ele tinha preenchido metade dos quadradinhos. Até que...

BO□□□□□O, fazia alguns segundos que Selmo tinha travado nessa. (pústula, deslustre, mancha), ele não conseguia desvendar. Pulou para uma transversal. (organização de homens armados que não integram o exército de um país) MILÍCIA, o L encaixava. BOL□□□□□O, nada ainda. Chamou Regina, que olhou, frisou a testa e saiu para encontrar o dicionário. Selmo completou mais uma palavra e, agora, encaixa ali um S. Regina retornou, de cabeça baixa, lendo: tumor, aquilo que é doente na sociedade, corrupção, pessoa de mau caráter, de hábitos infames, de conduta perniciososa. Selmo encaixou mais um O na palavra, quando se deu conta de que o L estava na posição errada. Ferida, bostela, continuava Regina. E se olharam: BOSTELOSO, gritaram juntos. Brindaram com suas canecas de café quente e sorriram.

Cumprido o mais grave dos hábitos, Selmo e Regina terminaram o desjejum dividindo um mamão papaya. Não precisam fazer o almoço, pois tinha sobrado, do jantar da noite anterior, metade de uma lasanha cuja receita pegaram do programa da **12.** □□□□ □□□□, no GNT. Selmo, então, foi cuidar da sua hortinha, enquanto Regina tirava a mesa e organizava a louça. Em seguida, ela embrenhou-se no sétimo volume de sua série policial, no qual o delegado investigava um esquema de corrupção, onde um laranja depositava cheques na conta da esposa de um **13.** □□□□□□□□□□

político. Tinha uma queima de arquivo ali, em algum lugar. Ou mais de uma.

\* \* \*

Palavras cruzadas:

01. F□□□ (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço; sigla)
02. O□□ (Organização Não Governamental; sigla)
03. R□□□□□□□□□□ (Que vive junto de ribeiras ou rios; feminino, plural)
04. A□□□□□□□ (Município localizado no Pará)
05. B□□□□□□□□ (Aquele que nasce em Benin)
06. O□□ (Conjunção que liga palavras ou orações, indicando transição)
07. L□□□□□□□ (Confinamento; em inglês)
08. S□□□□□□□ (Livre de perigo, protegido; feminino, plural)
09. O□□□□ (Pronome indefinido; o segundo entre dois)
10. N□□□□□□□ (Amplamente conhecido)
11. A□□□□□□ (Praticante de esporte; desportista)
12. R□□□ □□□□ (Apresentadora de programa de culinária; abrev. RL)
13. O□□□□□□□□□□ (Abjeto, infame, vergonhoso)



**Beatriz Thibes** | Graduada em Letras (português-francês) pela Universidade de São Paulo (2018). Estudou na Université Paris-Sorbonne IV (2016). Curso o Clipe-Poesia (Curso Livre de Preparação do Escritor), oferecido pela Casa das Rosas, em 2017. Atualmente é professora de francês.

### *um cachorro vê os homens*

percebem que o silêncio se parece com a morte. silenciam de várias formas: uns morrem de desastre, alguns vão pro convento, outros se suicidam. estão sempre próximos à crueldade. raramente se organizam de forma a cantar o amor e a carne. chegam a sentir profundamente mas logo criam um método de punição. a vida acontece sempre com a morte. na morte. estranho segredo. eles guardam estranhos segredos e vivem sussurrando. alguns. outros gritam. os que gritam obrigam o sussurro.

girei várias vezes, sem poder respirar. é possível que ele tenha achado que eu dançava: olhos fechados, a nuca aberta: a vida já não era boa nem má. acontecia. a vida das gentes vez em quando acontece. dançar de olhos fechados. acontecer não é isso?

ele acontece sempre em sua impermanência. no mais das vezes prefere certeza nenhuma às certezas gravemente mornas. hans dançava bem, e isso me causava um desconforto. ele parecia de antemão estar em constante queda, serpenteando o rabo pra solidão. eu, ao contrário, era possível que ao cair meu rosto fitsse o inferno.

de olhos fechados, girei várias vezes. girei de olhos fechados pra não dar de cara com os olhos de hans. pela morna certeza de que se eu caísse ou tropeçasse, ele saberia se meu desequilíbrio se parecia com a morte ou com a vida. e eu saberia, pelos olhos dele, se estava a viver ou a morrer. olhar pros olhos de hans era mirar o inferno. era ser o inferno. abri os olhos. abri os olhos de vergonha da solidão. quem suporta sem nenhuma vergonha a solidão? mas quem sabe eu também tinha outras razões. tropecei uma vez, outra vez. olhei pra hans de raiva.

ele me olhava de volta com um olhar de surpresa por sermos cúmplices. solidão com solidão. ele sabia coisas a meu respeito —

esses olhos de quem não sabe que vai morrer, de quem não aprendeu a morrer. eram meus esses olhos. eu não sabia morrer. eu não sabia viver: insulto maior.

lindo e miserável, hans me convidava a toda essa esquisitice de conviver bonito com o quase. com a ideia de ser feita pra acabar. eu não desejava isso, como numa espécie de contradição viva, eu não desejava a queda, a perda, o intratável. abri os olhos também por isso: perversão. arrogância. eu queria ser mais do que eu.

praticam a ação sobre-humana de se por de pé. não se sentem livres pra fracassar. fracassam e morrem. morrem de medo. silenciam também por isso: medo. começam assim e terminam por não saber viver, quase sem querer.

hans era a favor do medo. ele era a favor de sentir até o último fim — até que se possa nomear — o que permaneceria apenas vago e sufocador. de repente o medo é isso: o desamparo de estar vivo. sufocador ainda, mas menos vago. ou quase. ser a favor do medo é procurar entender esse desamparo. hans me olhava sabendo mais do que eu a prática do acontecer das coisas. maldita a fé, maldita a esperança e mais maldita ainda a paciência.

fechava os olhos pra não dar de cara com as mãos sem linhas. dançava! manca! com todos os medos! dançava, ainda assim, por isso mesmo. no enquanto: se dança e se cria a véspera. se cria. tem de haver um caminho. ajoelhou. ia rezar. mas logo se cansou de estar apoiada nos joelhos e se apoiou também nas duas mãos. maldita a fé. estava de quatro. apoiada nas mãos sem linhas, com todos os medos. maldita a esperança. assim ficou um tempo, com certeza nenhuma, nem mesmo as mornas. entre insatisfação e liberdade.

mais insatisfação que liberdade. morrer buscando lugar. agora sabemos, sempre soubemos. a morte é lugar nenhum. a vida é lugar nenhum. olhou pra hans de raiva. merda! vamos morrer, hans, vamos morrer um pro outro. solidão sem solidão. vamos morrer um do outro.

cada vez mais, eu não sei pra onde. eu não sei pra onde estamos indo. descer e depois? hans late fazendo elegia. a morte é tanto lugar

59.745 pessoas, hans. cinquentaenovemilsetecentase-quarentaecinco pessoas. por desastre. vê? a morte é tanto lugar — e

não chateia os imbecis e não insulta os arrogantes. desastre? onde será que isso começa? será que termina?

abdicando de ser cão, passou à humanidade: detestava a morte. e eu, eu queria poder ver as coisas como um cachorro vê, ou via. essa era a minha vontade: não detestar a morte. eu queria não detestar a morte. hans se dizia com os olhos: schatten! dizia-me.

eu tentava dizê-la com o corpo  
como dizê-la? como dizer a morte?

\* \* \*

estava de quatro. apoiada nas mãos sem linhas, com todos os medos

talvez ele não tivesse abdicado de ser cão. talvez fosse ele assim meio gente meio bicho, daqui. cá da ideia de deus. maldita a fé, maldita a esperança e mais maldita ainda a paciência.

\* \* \*

tem sido difícil acreditar que estaremos vivos. tem sido difícil acreditar que estamos vivos. estávamos?

\* \* \*

hans, enrolado em si mesmo, adormeceu. vez em quando é bom que se feche os olhos. não ficar por cá, voltar à delicadeza. inaugurá-la talvez. levantei-me, eu dançava, tentando imitar o festival de afetos que é a vida. a solidão, aquela solidão-movimento, o corpo-véspera, as mãos sem linhas — (des)acariciando o mundo. assim não foi?

entre sono e vigília, inventávamos histórias, no de repente — o corpo-voz. nós, entusiasmados e vivos e sonhados. aprendendo a viver na verdadeira dignidade. inventar histórias é aprender a viver na verdadeira dignidade.

o amor pelo mundo voltara, girou várias vezes: ela se olha com o que a vida (ainda) tem de movimento — se equilibra. se

desequilibra, aproveita o gesto: dança. contra a realidade, por ela —  
há o sonho. o corpo — seguindo as próprias ideias

\* \* \*

um truque que drible o real e o devolva na medida em que  
faça viver

\* \* \*

um movimento, inteiro e instantâneo, que disfarce a espera

\* \* \*

descansar sem muita pressa, eu e você — comungando a falta  
de sentido de tudo

\* \* \*

esperar sem muita pressa

\* \* \*

setentaecincomilquinhentasevintetrês, ele me diz. eu perdi a  
noção dos dias. eu perdi a noção do tempo. perdemos a noção. não  
estamos vivos. não sabemos estar vivos. a gente chega a não detestar  
a morte?

a gente não chega a não detestar a morte, aprende a dizê-la

\* \* \*

hans sou eu

\* \* \*

129.575 mortos, centoevinteenovemilquinhentosesetenta-  
ecincocorpos, anuncia a tevê em menos de nove segundos.

\* \* \*

a vida, ilimitada e impossível, nos despedaça  
tudo será difícil de dizer

**Franklin Carvalho** | Jornalista e autor dos livros de contos *Câmara e Cadeia* (2004) e *O Encourado* (2009). Em 2016, o seu romance *Céus e Terra* venceu o Prêmio Nacional de Literatura do Serviço Social do Comércio (Sesc), e em 2017, o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Autor Estreante com mais de 40 anos. O autor participou da comitiva brasileira na Primavera Literária Brasileira e no Salão do Livro de Paris (2016), eventos realizados na capital francesa, e foi palestrante também na Feira do Livro de Guadalajara (México — 2017), na Festa Literária de Paraty 2018 e em outros eventos literários. Tem contos publicados na Revista Gueto e na *Ruído Manifesto*.

### *a noite e mais um dia*

*“Aquele mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa...”*  
(Euclides da Cunha, *Os sertões*)

A forma errada de começar esta história é se perguntando quem é o soldado Pedro Expedito, quantos anos ele tem ou há quantos é policial. Não sabemos nada disso, porque ele também não sabe. Expedito parece muito novo, um garoto de dezoito anos com o corpo delgado e a pele e olhos variando de mel a castanho-escuro, a depender da estação do ano e de seus rigores climáticos. O cabelo, se o deixasse crescer além do corte militar repetido a cada semana com navalha, teria o castanho destes mestiços indígenas que são comuns em Uauá, minúsculo viveiro de gente no sertão da Bahia.

Uauá é terra que Pedro habita como um sonâmbulo. Ele nem sabe quando chegou à cidade, que fica numa das partes mais áridas do continente sul-americano. O soldado policia o pouco mato, a pouca população, policia o calor e as moscas e também não sabe porque o faz. Tampouco sabem dele os seus colegas de batalhão, inclusive os mais novos, trazidos recentemente de outras regiões para reforçar a guarda. Nem os superiores na capital lhe perguntam nada.

Estranham aquele morto-vivo, e não há só um esquisito como ele, mas três ou quatro iguais que compõem a corporação desde eras ignoradas, com farda renovada somente por força da norma. Nem adianta indagar por suas famílias porque eles, os sonâmbulos, não têm ninguém, e a única documentação sobre eles é composta por papéis desbotados. Como por encanto, porém, ninguém põe a mão sobre essa verdade. É que há mortos-vivos também nos mais altos postos das chefias executivas.

Esta não é ainda a parte mais grave da história. Preocupamos com a saúde do soldado Pedro Expedito. Sem parentes, ele depende quase todo o soldo pagando um quarto numa pensão antiquíssima, onde os seus colegas também estão instalados numa ordem de caserna, alimentados pelo rancho pálido que a proprietária fornece a par de algum adicional. Assim também com a limpeza dos cômodos. Só a lavagem e a goma das fardas aqueles homens fazem na pensão, por regra. Risque-se das demandas de solteiro as gripes, disenterias, infecções e ferimentos que aqueles homens não têm, são de ferro. Expedito, porém, é incomodado por terríveis pesadelos nas noites em que consegue dormir.

Ele sonha com casebres miseráveis de barro amontoados uns sobre os outros e encharcados por chuvas torrenciais, e famílias paupérrimas tremendo numa penumbra mal cortada por lampiões de querosene. Acorda no meio da noite e, sentado na cama, medita sobre o realismo daquelas visões, abalado como se já houvesse habitado tamanha miséria alguma vez. E não entende, dias seguidos aquele pesadelo recorrente, porque Uauá, mesmo sendo cidade pobre do sertão, não chega àquele extremo de degradação, de violência e de fome. As imagens dos sonhos parecem-lhe as periferias dos grandes centros urbanos brasileiros que ele vê pela TV da delegacia em que dá plantão, mas Pedro não conhece as metrópoles, isso está bem claro em sua memória, nunca viajou até elas.

\* \* \*

As coisas vinham nessa marcha, assim mesmo desconformes, até o dia em que o soldado e alguns colegas foram chamados para resolver um desentendimento na zona rural, na fazenda de um

grande proprietário. O patrão daquelas terras tinha despedido por desgosto uma trabalhadora que vivia ali havia tempos, cabocla que aparentava cinquenta anos de idade, os dois já não se suportavam. Existia muita mágoa na contenda e os outros peões da fazenda correram para defender o chefe, quase bateram na empregada. Vencida a animosidade maior, a viatura policial voltou à cidade carregando a mulher e suas poucas posses, ela desistida de qualquer revide, mas indignada.

— Esse povo está assim porque o patrão é padrinho deles. É meu padrinho também, e a gente respeita porque padrinho é a voz de Deus na terra. Isso é consagrado com água benta. Mas patrão e padrinho têm que merecer a consideração, para tudo há limites. Até o Rei Saul, que era ungido de Deus, foi repugnado.

A equipe a bordo ouvia aquela rebelde com senso de luar, feliz por voltar à base no horário regular do expediente. Não havendo queixa a se registrar, deixaram-na pelo caminho, em alguma rua mais pobre onde disse ter parentes. Finalmente, o carro dispensou os homens na delegacia já no fim da tarde de verão, que escurecia pelo crepúsculo e pela formação de uma tempestade funesta.

Mais tarde, na pensão, veio a ração de todas as noites, pão duro e sopa de restos do almoço. Nenhum rádio, nenhuma televisão. Lá fora a chuva barulhava tão terrível quanto aquelas que Pedro Expedito via em seu sonho, cheias de raios. Como sempre acontecia, às oito horas todos naquele ambiente sem diversão se recolheram e ele fez o mesmo. Quando o soldado foi entrando no seu quarto, no entanto, uma lufada de ar frio lhe cortou a passagem e o despertou para uma lembrança da tarde, do rosto da mulher conduzida; e uma palpitação sacudiu o seu coração. Descorado, sentou-se imediatamente na rede que cruzava o cômodo e se deixou ficar ali, algum remorso por não ter ajudado aquela dona, algum não entender desse remorso, até que apagou. No abafamento que era o geral da noite suave as roupas domésticas puídas, mas caiu no sono de pedra.

Teve novamente o pesadelo dos casebres com as mesmas cenas, com muitas mulheres enroladas em trapos negros abraçadas 84 85 a crianças nuas, raquíticos mães e filhos, mas daquela vez havia um odor de podridão que nunca tinha sentido, um barulho de



bombas e de tiros que nunca tinha ouvido, a água lhe molhava e Pedro Expedito acordou. Acordou muito bem desperto, vendo tudo com uma nitidez incomum na sua vida sem datas. Acordou num campo de guerra, e sabia exatamente o que estava fazendo.

Estava com outros policiais e soldados do exército marchando na lama dentro da noite, e todos usavam armas muito antigas. A farda da tropa tinha se reduzido a farrapos depois de os homens se debaterem no labirinto dos becos e nos barracos cheios de armadilhas. Os militares, exaustos, lutavam contra os moradores daqueles casebres, um povo ainda mais esgotado, mais faminto e mais exasperado que eles, mas que resistia usando galhos de espinheiros, trastes incendiados e armas caseiras.

Pedro também se recordou de que não estava numa dessas periferias urbanas modernas, nem caminhava nos dias atuais. Ele pisava o solo encharcado de uma noite tempestuosa na guerra de Canudos, nos seus últimos dias, em outubro de 1897. Assaltou-lhe então o desespero, seu e dos homens que, transportados de vários lugares para a batalha, topavam ali com a resistência dos habitantes do local, dispostos a lutarem até a morte na tática de tocaias e ciladas.

O objetivo das tropas era justamente abafar o povoado que em poucos anos havia surgido e se dilatado com milhares de habitações. A cada semana chegavam no local muitas levas de migrantes miseráveis em busca da redenção espiritual prometida por Antônio Conselheiro, messias alucinado que ponteava em Canudos. Lavradores, ferreiros, beatos, carpinteiros, artífices e loucos, despossuídos e desocupados queriam também beber da solidariedade de uma congregação completa, e convergiam com seus últimos recursos e ferramentas para uma vida comunitária em torno da religião. Tomados por perigosos, párias, sub-raça e desordeiros, foram atraindo progressivamente a inimizade e a perseguição dos senhores da terra e do gado das vizinhanças, dos burocratas, da imprensa, do poder político e dos militares Brasil afora.

Ao se ver naquela noite de chuva da guerra — ele não estava sonhando! — Pedro Expedito sentia o cansaço verdadeiro de um soldado em batalha. Andava com outros companheiros para um dos postos militares que ficava no morro da Favela, ali em Canudos,

enquanto ruminava um episódio marcante daquele confronto. À tarde havia chegado no acampamento um grupo de trezentos prisioneiros, somente mulheres, crianças e velhos que resolveram se entregar às forças do estado, todos em condições lastimáveis. O exército acreditava que aquela rendição era outro ardil, servia somente para aliviar os combatentes de Conselheiro e gerar sobrecarga aos batalhões fardados.

Perambulando pelas ruelas, encharcado, silencioso e perdido, o soldado meditava na situação dos trezentos prisioneiros, porque ele já sabia que o exército não admitia cativos. Pelo contrário, todos os inimigos que caíam eram executados das formas mais cruéis, fosse por vingança, fosse por desprezo, fosse porque havia gente fardada que se comprazia em matar, e os generais não se importavam com o expurgo.

Pedro Exedito não fazia aquilo, matar pessoas detidas. Nem assistia às execuções, mas todos os soldados sabiam como elas eram feitas e quem as praticava. Ele tinha interesse naqueles casos porque guardava a recordação dos rostos deformados, dos olhares torturados, dos corpos secos, da muita gente que vira tombada pelas cercanias. Após tantos meses de guerra, também temia que o horror, partindo dos seus, partindo dos contrários, se desatasse ainda mais atroz, e o fizesse perecer absolutamente em vão.

Para não sucumbir àqueles pensamentos tão duros, Pedro Exedito afrouxou a camisa na gola. Chovia mas era outubro, fazia calor, e ele olhou para cima esperando alguma fresca. Foi um momento de feliz distração, um rápido desafogo, mas o venceu um 86 87 tiro errado, uma bala perdida cruzada no seu abdome. Impossível saber de onde partira o projétil, porque àquela altura havia disparos de todos os lados, com armas dos mesmos tipos, que uma das partes do conflito tomava da outra.

\* \* \*

O soldado acordou em sua rede na pensão, muito assustado. Passou a mão por dentro da camisa e percebeu na lateral esquerda, à altura do umbigo, uma cicatriz que nunca notara ali. Entendeu que não havia sonhado, não era como das outras vezes. Estava

lembrando. Recordava fatos de mais de cem anos e tinha sobrevivido aquele tempo todo sem nenhum estremeamento, sem qualquer ventura ou mínima delícia, nem mesmo uma pequena dor que alterasse a sua rotina.

O mais estranho é que continuava morando no mesmo sertão, não mais em Canudos, não. Canudos, após o desastre da guerra, havia se despovoado e depois renascera como uma pequena cidade pobre. Uauá, o lugar em que Pedro Exedito passava aquele transe mais de um século depois, ficava a apenas sessenta quilômetros do antigo campo de batalha. No entanto, ele nunca se perguntara sobre o conflito em torno de Antônio Conselheiro e seus seguidores, nem cogitara estar ali, tão próximo, a origem e o cenário dos seus pesadelos. E nunca fora visitar Canudos, ao contrário de muitos pesquisadores e turistas que atravessavam Uauá em direção ao sítio histórico da guerra.

Sentado ereto na rede, só uma réstia de luz invadindo o quarto por uma fresta na janela de madeira, o silêncio eterno lá fora, Pedro Exedito sentiu um frio intenso abraçá-lo. Lembrou-se da sensação que teve ao levar o tiro, como se um animal peçonhento, ao fisgá-lo, espalhasse fogo e gelo fatais no seu sangue. Procurou controlar a respiração cada vez mais intensa, que lhe vinha como soluço. Então se lembrou do chamado policial da tarde anterior, que o colocara em contato com a empregada despedida da fazenda. Veio-lhe tudo à mente, como se o veneno do animal peçonhento tomasse também o seu cérebro. Conhecia aquela dona de muito tempo.

Ela também tinha sido prisioneira em Canudos, mas não do grupo dos trezentos. Fora detida sozinha em pleno combate, dias antes daquela massa famélica se entregar. Na ocasião, não estava disposta a facilitar o interrogatório. A tudo respondia não saber e, tomada de sereno desprezo, despejou uma maldição quando a fustigou o general da campanha:

— Vocês não estão aqui para prender. Vocês é que são os presos de Canudos. Não serão capazes de voltar para casa, como os soldados que vieram antes. E mais, ficarão todos cegos, tateando por estas terras!

Pedro Exedito sentiu-se desmanchar como uma rocha que o tempo varresse, erodindo. Por que ele tinha vivido tanto tempo?

Para ver a miséria de Canudos se espalhar por todo o país, todo o continente, em outros conflitos e periferias batizadas de favela? Para assegurar-se que aquele caos, aquele traçado torto, aquela precariedade iam se manter, restando salvos e protegidos sempre os mesmos donos de tudo, atrás dos mesmos muros, atrás dos mesmos guardas?

Então notou que havia mais perguntas do que ele poderia resolver, como uma espiral, como um redemoinho, e sua vista se turvou completamente. Mesmo assim se sentia aliviado de alguma forma, esvaziando-se, vomitando ali na rede uma lama antiga que preenchia a sua boca desde o dia em que caíra baleado em Canudos. Havia de tudo na lama, ensinamentos sobre Deus, manuscritos de ordens militares e recortes de jornais com notícias inventadas sobre a guerra. E havia a fuligem de corpos humanos, de animais e da flora incendiados.

A voz da dona rebelde também não saía do pensamento do soldado, e ele resolveu procurá-la imediatamente e lhe fazer todas as perguntas que lhe surgiam em torrente. Por isso levantou-se, 88 89 mesmo com dificuldade, mesmo sem conseguir enxergar, e foi apalpando as paredes em direção à rua, onde tentaria encontrar aquela mulher. Não deixou, porém, de regurgitar mais lama envenenada pelo caminho. A cada minuto daquela marcha torpe sentia-se mais leve ainda, cuspiendo uma grande mágoa, descobrindo por si mesmo todos os mistérios, quebrando um encanto, uma maldição antiga, vivo novamente.

Mas ao se perceber ao ar livre, com a chuva e o vento golpeando-o, desistiu. Ficou de repente abismado porque a cegueira o envolvia ainda mais e o afastava do mundo, e também o afastava da memória. Acreditou que seria inútil procurar pessoas que deveriam estar tão perdidas quanto ele, antigos soldados e prisioneiros sem paradeiro, sem nome e sem rosto, que os livros de História nem sequer lhes reservara lugar, eles cegos também. Ali mesmo, na porta da pensão, nem mais conseguia recordar as faces dos seus companheiros e da mulher rebelde que alterara o seu cotidiano na véspera, ela era só uma voz a perturbá-lo.

Pedro Expedito voltou ao seu quarto e procurou dormir, mesmo incomodado porque sentia a rede rançosa, impregnada do

odor acre de suor. Antes de adormecer, pensou em reclamar do fedor com a dona da pensão no dia seguinte. Foi o que fez.

Embora tenha acordado muito cansado, mal lembrando-se de algum pesadelo com o velho tema recorrente, embora enxergasse o seu quarto asseado, como a dona da pensão sempre o mantinha, ao sentar-se na copa para tomar o café matinal ele a chamou e pediu que quarasse e lavasse a rede e as cobertas. Ela não se opôs, tinha um enxoval sobressalente na casa para emprestar aos hóspedes em situações como aquela.

Isso resolvido, Pedro Expedito foi trabalhar. Em seu caminho até a delegacia, o sol fazia o mormaço saltar da terra molhada pela chuva da véspera.

| conto da coletânea *A ordem interior do mundo* (Editora 7Letras, 2020). |

**Liliane Prata** | É autora de *O mundo que habita em nós* e *Ela queria amar, mas estava armada* (finalista do Prêmio Jabuti 2020 na categoria Contos), entre outros livros. *Tem alguma coisa na água* é o seu livro mais recente. Site: <http://www.lilianepрата.com.br/>

### *a culpa é dos poetas*

Poucas horas depois de sair da prisão, Estevão virou pó. Foi assim. Estevão era um poeta que foi preso após publicar poemas com versos livres — sua licença lhe dava direito de publicar apenas poemas rimados. Quando ele foi libertado, soube que sua licença poética havia sido cassada e que a partir de agora só tinha autorização para escrever sobre como ganhar dinheiro de acordo com a visão quântica. Após caminhar por ruas vazias, chegou desolado em casa, onde morava com seu amigo Joel, e a única coisa que o animava era reencontrar seu cachorro.

— Cadê o Ulysses? — Estevão perguntou, após assobiar pela casa.

— Puxa, cara, lamento, mas ele foi recolhido — Joel respondeu, tomando um copo d'água.

— Como assim, recolhido?

— Recolheram todos os cachorros que se recusavam a aprender a falar. Eu me esforcei, todos os dias dava aula para o Ulysses, mas ele continuou latindo.

— Será que é porque ele é um cachorro?

— Disseram que era má vontade da parte dele e que ele não havia se esforçado o suficiente.

— Puxa vida! Ei, não tô vendo as plantas... E as plantas aqui de casa? A samambaia?

— Recolheram também. De acordo com uma nova lei, todas as plantas precisam assinar uma via se comprometendo a fornecer mais oxigênio por hora e a limitar a produção de gás carbônico, e ela se negou a assinar. Ficou parada, diante do fiscal da prefeitura.

— Putz, cara... Preciso de uma cerveja, tem? Ou vai me dizer que elas foram recolhidas?

— Pelo contrário, os fabricantes agora são obrigados por lei a quadruplicar o valor alcoólico de cada lata, além de anexar um papelzinho com ensinamentos morais em cada uma.

— Sério? Bom, o papelzinho eu não sei, mas o álcool a mais não é uma ideia de todo ruim, né?

— Olha, para mim é meio complicado, porque acordo cedo para trabalhar amanhã e se eu beber uma lata já vai ser foda, mas tudo bem, bebo meia lata...

— Você tá trabalhando com o quê?

— Motorista.

— De Uber?

— Se liga, Uber não existe mais, porque todo mundo parou de sair de casa. Por isso as ruas estão vazias... Depois de mais uma pandemia mundial, todo mundo trabalha em casa ou dorme no escritório ou dorme na rua, estuda pela internet ou não estuda e fica sozinho ou se encontra online, não tem por que pegar Uber.

— Você é entregador de comida, então?

— Se liga, ninguém mais come comida depois que os laboratórios farmacêuticos desenvolveram as modernas injeções mensais de satisfação estomacal. É mais prático, as terras estavam todas inférteis e a comida estava toda envenenada, mesmo.

— Puxa, você não está sentindo falta de comer?

— Ah, quem ficar triste com isso, é só tomar um novíssimo antidepressivo de efeito instantâneo! E ele vem com sabor pizza.

— Entendi. Bom, não me diga que você dirige para o gover...

— Isso aí. Eu passo o dia recolhendo coisas nas casas das pessoas.

— Você é um agente de recolhimento?

— Bingo!

— Foi você... Foi você mesmo que recolheu o Ulysses?

— E as nossas plantinhas. Mas olha, insisti com eles antes, tenho coração. Eles que não facilitaram o diálogo, então...

— Será que era melhor eu ter ficado na prisão?

— Legal! Estou feliz que você está falando isso, fica mais fácil te recolher pra lá. Vem comigo.

— Hã? Mas por quê, cara? O que eu fiz?

— Mais de dez perguntas depois que você chegou, e agora os pontos de interrogação foram limitados a três por dia. Nem adianta disfarçar, o algoritmo ouviu tudo!

— Puxa vida! Posso pelo menos terminar minha cerveja?

— Olha, até poderia, antes de mais esse ponto de interrogação. Agora, infelizmente, você vai ser cancelado.

— Puxa vida, eu...

*Shssissjjjjj* foi o som do spray oficial. E foi assim que Estevão virou pó. Alegremente, Joel fez uma carreirinha, cheirou tudo e foi todo empolgado trabalhar na manhã seguinte.

| este conto faz parte do livro *Tem alguma coisa na água.* |



**Rafael Mendes** | Tradutor e poeta. Residiu em Franco da Rocha, Dublin e atualmente mora em Barcelona. Publicou em 2018 *Ensaio sobre o belos e o caos* pela Editora Urutau. Tem participação nas seguintes antologias: *Poetry in the Time of Coronavirus* (EUA, 2020, no prelo), *Parem as máquinas* (Off Flip, 2020, Brasil, no prelo), *Writing Home: The New Irish Poets* (Dedalus Press, 2019, Irlanda), *32kg: Uma antologia Brasil-Irlanda* (Urutau, Europa, 2017). Seus poemas já foram publicados nas revistas Ruído Manifesto, Gazeta da Poesia Inédita, Revista Gueto, Mallarmagens, Vício Velho, Subversa, FLARE magazine, The Irish Times, entre outras. Edita o blog de tradução [Poetry Bilingue](#).

*rosa*

A janela escancarada, o verão jogando amarelinha nas ruas. Tu nua sobre o parapeito, teus olhos castanhos de terra arada e ansiosa pelo plantio. Na sua mão uma laranja, que poderia ser tanto fruta quanto revelação da memória, orbe de nosso amor ainda jovem ou mesmo uma opala bruta de sangue. O sol caindo atrás dos prédios da Rua Augusta, eu deitado na sua cama, sentindo o odor de teus lençóis, teus livros empilhados desordenadamente pelo quarto, um desenho de margaridas pendurado bem ao lado da sua cama. Tu veio até mim, boca suja de laranja, e me beijou, falando sobre teatro, abrindo mapas que eu não conhecia. Ali eu já era um louco, se me largassem num hospício eu gritaria teu nome, nosso amor.

Escuta, Rosa, então não te amei? Se o íterim entre aquela tarde — quase natal, teu corpo gestando uma retidão moral pura diante da parede azul petróleo — e esta noite de céu apagado, resoluto em não ser fuga das atribulações, onde nossos corpos já nem precisam verbalizar o adeus, fomos felizes, como poderia não ter me amado? Diga, Rosa, como? Eu lembro do teu corpo nu sobre o parapeito. Uma febre de melanina emanando, escorreita seiva de suas funduras me lavando, nossa primeira vigília. Eu tinha toda a sede e você foi tonéis de vinho.

O amor nascido de um acaso, uma chave esquecida, acompanho o Pedro até o metrô Armênia, você aparece, sorrindo, gesticulando e falando rapidamente, cheia de ânsia para resolver problemas, para fazer coisas. Lembro que teus olhos percorreram meu corpo, me senti desejado, ardi. Me ofereceu uma garrafa d'água, eu queria que me oferecesse suas mãos, sua fala, que apresentasse teus planos para salvar o mundo. Eu iniciaria uma guerrilha, leria novamente Marighella, roubaria dois bancos, se você me amasse. O segundo encontro. Aniversário de um amigo. Não me recordo se foi do Pedro. Não importa, não estávamos presentes. Os corpos próximos, nossas mãos se tocaram por acidente algumas vezes, e quando isso acontecia, teus olhos chispando. Quando a noite acabou todos na expectativa de um beijo, da confissão da paixão. Na volta o Pedro disse *ela está apaixonada e na outra ponta do vagão podem sentir sua paixão por ela*.

Por acaso não nos amamos, Rosa? Me recordo dos lampejos: banhos quentes após o sexo, cervejas compartilhadas nas últimas horas da noite, aroma de pães frescos que assávamos aos domingos, teus dedos frágeis segurando uma colher com pudim. Foi tudo tão intenso, nós não sabíamos como falar do amor, tudo era beijos, tato, medições dos pontos cardeais do nosso corpo. Naquela viagem que você foi a Minas Gerais, você e suas amigas querendo salvar o mundo, registrar a tragédia de Mariana, na véspera da partida você fazendo suas malas, experimentando roupas, e eu só pensava em roubar uma camisola, qualquer peça, para dormir tranquilo com teu cheiro de amêndoa. Rosa, sofri tanto naqueles dias. Você ligava no final do dia, contava do trajeto, das conversas nas paradas para almoço. Quando chegou em Mariana cada palavra sua tinha desespero, que ecoava através da fiação que nos conectava. Você retornou e nada foi o mesmo.

Você por acaso me amou, Rosa? Nas salas de teu silêncio havia uma canção de despedida, marinheiros deixando a baía em busca de uma terra já perdida. Teus olhos escapavam dos quadros e fotografias, focavam apenas a distância até a saída mais próxima. Nas suas palavras residiam luto. Você foi se distanciando até nossa última manhã juntos. Fomos ao samba com sorrisos enormes, a cerveja descendo pela garganta com sabor de liberdade, você com teu

vestido solto e leve, brincos pequenos suspensos nos teus lóbulos, no teu punho uma pulseira que comprei dos hippies, disseram que representava o amor. Depois, as janelas do carro vaporizadas por nossos suspiros longos, não tínhamos medo de um assalto, não nos importamos nem com os feirantes que montavam barracas enquanto nos amávamos. Fomos para um motel. Na banheira teus cabelos molhados brilhavam, você sorria, sim, sorria, eu querendo eternizar teu sorriso, teus olhos, suas manchas nas costas, teu cheiro. No início do dia seguinte, me levou para comer no teu café preferido, mas você não tomava café como eu, então pediu suco de laranja, e todo aquele amarelo, aquela luz, aquele ouro, reluzindo entre teu corpo e suas mãos. O porteiro do teu prédio já me conhecia, disse bom dia e sorriu, como se enxergasse em nós algum éden, ele conhecia meu nervosismo, o cigarro fumado em tragadas curtas, até você aparecer para me receber. Foi a última vez que eu o vi. A última que vez que eu a vi.

Nunca mais visitei sua rua, teu bairro. Quanto eu chorei, Rosa, você não tem ideia do quanto eu chorei. Minha mãe me consolava,  *você foi feliz, não foi meu filho? Guarda a boa memória, guarda esse amor com carinho.* Não queria guardar nada, eu queria entender, Rosa, eu ainda quero entender. No mundo que eu vejo os movimentos precisam ter ordem, eu gosto de estabilidade, meu coração tem um sistema de amortecimento com molas. Tu não me ligava mais, não escrevia. Foi só silêncio. Rosa, se eu soubesse desenhar ainda poderia traçar cada linha da sua face, a calma de teus dedos, teus lábios tênues, teu cheiro Rosa, teu cheiro. Nossos amigos nada falavam, tentaram cuidar do meu desagravo com abraços, ligações na madrugada. E foram meses, Rosa, meses assim. Outras mulheres me olhavam com pena, uma disse que queria cuidar de mim, pois meus olhos naufragavam em devaneio.

Então, no carnaval, você me escreve Rosa. Dizendo que me amou, talvez ainda me amasse, mas precisou me abandonar. Tinhas teus propósitos, tuas causas. Tu sempre acreditou que poderia mudar o mundo, que precisava transformar teus privilégios em equidade. Não havia espaço para mim, o amor demandava, o amor é um bebê que quer cuidados, alimento, roupas limpas. Tu não podia. Talvez em outra vida, talvez em outro planos nós seríamos amantes

por toda a vida. Eu não quero outros planos, Rosa, a morte é a morte. Aposto apenas naquilo que eu tenho. Eu tenho essa vida, esse amor. Rosa, ainda te gosto tanto.

**Inês Filipa Vieira Brandão** | Nasceu a 29 de março de 1998, em Lisboa. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde tirou o curso de Línguas, Literaturas e Culturas. Publicou o seu primeiro livro infantil a Fevereiro de 2020, intitulado *A Flor Margarida*. Vive no centro de Lisboa, é professora e sonha um dia fazer da escrita a sua carreira profissional.

### *o momento*

Henrique dirigiu-se à sala. Sentou-se na poltrona que lhe fora deixada pela avó materna. Era castanha, com umas manchas amareladas e uns pontos descosidos, marcas do uso e do tempo. Tinha um apoio para os pés e um suporte para colocar copos, embora ele o usasse para depositar as folhas amarrotadas, outrora esboços de desenhos que, por não terem a qualidade ambicionada, não eram dignos de ser olhados por outros olhos senão os dele.

Estava feliz. Não tinha razões para não estar, embora se saiba que o cérebro humano não é tão linear assim e pode levar-nos rapidamente a um estado de tristeza, mesmo que tudo à nossa volta corra conforme o planeado.

Hoje fixou o pensamento sobre a poltrona, normalmente não o faria, sentava-se apenas, de forma mecânica e irracional. Mas hoje recordava aquela senhora, que tinha tido a sorte de poder apelidar de avó, e que lhe deixara tal objeto, não em qualquer documento escrito, mas por ter repetido várias vezes ao longo dos anos: “esta será tua quando eu... sabes?”. Não gostava de falar na morte, não tinha a frieza necessária para enfrentar uma condição na qual não tivesse oportunidade de estar com a sua família. A sua reflexão foi interrompida pelo som do telemóvel, era o seu pai. A voz trémula e praticamente irreconhecível, que se unia a um choro desesperante, dizia-lhe que a sua mãe lhe falecera nos braços. De impulso, Henrique levantou-se da poltrona e saiu. A felicidade foi-lhe arrancada, as recordações da poltrona e da sua avó depressa se dissiparam.

Tinha vendido o carro há uns meses. Por viver no centro de Lisboa, decidiu que não precisava dele; arrependia-se hoje desta

decisão, porque esta o obrigava a esperar pelo próximo comboio até Coimbra, terra que o viu crescer e local onde os seus pais decidiram permanecer, mesmo depois dele se ter mudado para a capital. Comprou o bilhete às 16h40, o comboio partia dentro de dez minutos. Percorreu a gare, ouvia o bater do seu coração, acelerado, o suor escorria-lhe pela cara e havia uma ansiedade e um nervosismo persistente que o mantinha alerta e, ao mesmo tempo, o cegava em relação a tudo o que o rodeava. Mantinha os olhos fixos no comboio, era verde e branco; Estava lá ao fundo, ele via-o, quase que o sentia e, no entanto, parecia-lhe tão longe como o caminho que ainda teria de viagem até chegar à sua família.

Pela terceira vez nos últimos cinco minutos, olhou para o relógio. O tempo parecia ter parado e, ao mesmo tempo, sentia-se culpado por deixar o seu pai sozinho durante este período, que lhe pareceu mais longo do que a realidade comprovava. Colocou a mão sobre o corrimão que dava acesso à sua plataforma e percorreu-o. Estava sujo, peganhento. Pensou na quantidade de pessoas que já lá teriam pousado as mãos e, num gesto brusco e apressado, retirou a sua.

O comboio estava cada vez mais perto. Olhou novamente o relógio, 16h45. Já conseguia tocar na primeira carruagem, mas o seu lugar ficava na terceira, tinha de continuar a andar, com a mesma urgência. Ouvia a última chamada, entrou...

Já sentado no interior do comboio, a impaciência e o sentimento de impotência apoderaram-se de Henrique. Tentou ler, escrever, ver as notícias no telemóvel, mas os seus esforços revelaram-se inúteis; Seriam duas horas de sofrimento, pensou.

Ao fim do que lhe pareceu uma eternidade, chegou a Coimbra. Depressa encontrou um táxi e, sem grandes explicações, disse que tinha pressa em chegar ao hospital. Armando, nome com o qual o taxista se apresentou a Henrique, ficou apreensivo com o pedido e, como tal, perguntou se ele se sentia bem. Henrique explicou aceleradamente e sem detalhe a situação; Nenhum dos dois falou mais depois disso, pelo menos até ao momento do pagamento.

Chegado ao hospital, subiu umas escadas e percorreu um longo corredor até encontrar alguém a quem poderia pedir direções que o levassem até aos seus pais. Apercebeu-se que já se teriam

passado mais de 15 anos desde a última vez que entrara neste hospital, num dia em que partiu o braço direito, resultado do seu envolvimento numa luta com um rapaz que tinha tentado beijar a sua namorada da altura. Foi um namoro ingênuo, característico da idade, do início da adolescência, mas naquela época pareceu-lhe correto defender a sua honra, arremessando dois socos na direção do outro rapaz, apenas para depois sofrer o triplo.

Após falar com um funcionário, que prontamente lhe indicou o caminho, deparou-se com a porta do quarto que do outro lado revelava o corpo debilitado da sua mãe. Ouvia as máquinas a trabalhar, ouvia o pranto do seu pai, mas faltavam-lhe as forças para entrar; Num impulso, reuniu a coragem necessária, abriu a porta e caminhou na direção deles. Ela não estava morta, tal como o pai lhe tinha transmitido, pensou. Mas nos olhos dela não via vida, nem qualquer reação, as máquinas respiravam por ela, havia um hematoma no braço, provavelmente causado pelas várias tentativas que a enfermeira fizera para conseguir espetar a agulha que agora a alimentava apenas de soro.

Tentou comer algo, perto da hora a que costumava jantar, e sugeriu ao seu pai que fizesse o mesmo, embora nenhum dos dois tenha conseguido cumprir essa tarefa, outrora banal e rotineira, mas que nas últimas horas se tornara hercúlea, por força das circunstâncias.

Alcançou uma médica, uma que já tinha observado no quarto da sua mãe, mas a quem não teve a coragem de perguntar nada até este momento. Falaram durante algum tempo, ela informou Henrique da gravidade da situação e da pouca probabilidade da sua mãe passar daquela noite. Irrompeu num pranto, as lágrimas surgiram, foi a primeira vez ao longo daquele dia em que se permitiu chorar. Filipa, nome da doutora que ficaria para sempre gravado na ficha médica da sua mãe, estava certa sobre tudo o que disse. Henrique sentou-se numa outra poltrona, no corredor do hospital, na sua cidade natal, a dois metros do quarto onde a sua mãe respirara pela última vez, sem ter tido a possibilidade de se despedir dele.

Quem diria que um dia que começara calmo para Henrique, acabaria com o choro amargurado de um neto e filho que, para além

sentir a falta da sua avó, teria agora também de lamentar a morte da sua mãe.

“É a vida”, todos lhe dizem desde esse dia fatídico, embora a sua se tenha alterado drasticamente, porque afinal, há pessoas, dias e momentos que nos mudam a vida, para sempre.



**Fábio Mariano** | Mora em Campinas-SP. É autor de *O Gelo dos Destróieres* (Contos, 2018) e *Habsburgo* (Novela, 2019), ambos pela Editora Patuá. Numa parceria entre Patuá e *Ofícios Terrestres*, publica agora *Ruído Branco* (Contos), uma realização do ProAC 2019, no qual se encontra “Infierno”.

## *infierno*

Comecei a trabalhar no buffet por acaso. Um amigo meu me ligara falando sobre a vaga, e era uma época na qual os buffets infantis apareciam em cada esquina de Cartago de uma semana para outra. De repente, então, a equipe de adolescentes mal remunerados de um deles evaporava, e era necessário pedir aos restantes que ligassem para seus amigos. Eu queria ter algum dinheiro — começava a descobrir que queria cozinhar, mas era impossível pedir os ingredientes que eu queria provar à minha mãe. Surgia, diante de mim, a chance de contornar o veto da inutilidade daquele gasto (a questão não era falta de dinheiro) pelo módico preço de tolerar algumas crianças por algumas horas e dormir mal algumas noites — nada que eu já não tivesse feito sem ganhar dinheiro algum.

Era a primeira vez que eu trabalhava, e minha intuição nunca fora muito boa, de modo que não compreendi por que meu amigo me deixava de canto para conversar com todos os outros. Ele me explicou que, ali, nos organizávamos em grupos: salgadinhos, bebidas, pula-pula, piscina de bolinhas e cama elástica. Mudávamos de grupo no meio da noite, e também de um dia para o outro, e quando as festas terminavam todos faziam juntos a limpeza e a organização. Como eu morava perto do buffet (ao contrário da grande maioria das pessoas, inclusive de meu amigo), ia embora a pé. Cumpria as obrigações e ficava no meu canto, sem conversar muito, e embora soubesse os nomes dos meus colegas, não tinha qualquer outra relação com eles.

Na quinta semana em que estava trabalhando lá, meu amigo me chamou num canto. Eu estava com os salgadinhos, e ele, com as bebidas. “Você percebeu?”, me perguntou, empolgado, sem que eu tivesse a mínima noção do que ele dizia. Vendo minha cara de

dúvida, sussurrou “Do lado do pula-pula, mas olha sem dar bandeira”, saindo para levar mais uma bandeja cheia de copos de refrigerante. Enquanto alinhava as coxinhas na minha bandeja, repassei, um a um, os rostos da festa. E quando estava para decidir que nada me era familiar percebi que havia, de fato, algo no rosto daquela moça ao lado do pula-pula. Só aí o sorriso que se estampava no rosto de meu amigo me contagiou.

A moça era Amanda Sky.

Terminado nosso serviço, meu amigo me pediu que ficasse. Disse que fariam uma festinha na casa de um dos meninos. “Vão todos: o Tigão, o Pingo, a Babi, a Isa, o Dedé...”, e depois, sussurrando para mim, “tenho certeza de que a Isa vai”. Eu, que nem reparara direito em quem fosse a Isa, tomei aquela informação como crucial. Perguntei a ele o que eles comeriam. “Sei lá, pedimos alguma coisa”. Minha reação imediata, antes que eu pudesse me controlar, foi perguntar se eu poderia cozinhar. “Acho que vai ter muita gente”, ao que respondi “Para mim é perfeito. E eu banco”. Meu amigo foi até André, o dono da casa, e confirmou minha autorização.

Pingo me disse que me daria uma carona até o mercado — iríamos os dois. No caminho, me informou que o André tinha gostado de eu bancar tudo, mas que, se eu precisasse, eles também ajudariam. Pensei que não seria necessário, mas no fim, acabei me excedendo um pouco. Não que eu tivesse comprado nada caro, mas pensei que não poderia faltar comida. O resto do dinheiro que estava com Pingo, que era da vaquinha do pessoal, foi para as bebidas.

Quando chegamos à casa do André me dirigi direto à cozinha, sem pegar nem mesmo uma latinha de cerveja. Os pais dele tinham viajado, e a casa era grande e cheia de livros. Ali, dois amigos dele de outro lugar já estavam sentados em dois pufes discutindo calorosamente sobre Marx, Nietzsche e Darwin; e enquanto um deles falava alto, mas sóbrio, com movimentos de mão firmes e bem desenhados, o outro parecia se atropelar, como se as ideias fluíssem em sua cabeça a uma velocidade muito maior do que a das suas palavras, de modo que, se não era um gaguejo, havia uma espécie de interrupção abrupta no meio de suas frases. Era óbvio que os dois eram muito amigos, e decidi que eles seriam as primeiras pessoas que eu serviria, se eu pudesse escolher. De dentro da cozinha ouvia

uma voz esganiçada tentando cantar e uns dedos desajeitados tentando tocar violão, que foram imediatamente substituídos por alguém que só podia estar bêbado havia muito tempo, embora tocasse e cantasse com perfeição. Enquanto preparava espetinhos de muçarela de búfala envolvida em bacon usando como espetos os ramos de alecrim, macarrão com queijo e abobrinhas e tomates recheados, fui aos poucos perdendo o contato com o que acontecia ali dentro. Cruzou minha cabeça o olhar de Amanda Sky, se ela gostaria dessa refeição... Como passei a segunda metade do serviço na piscina de bolinhas (o que me permitiu um ponto de observação privilegiado), percebi apenas o amor dela diante de uma criança que obviamente não era sua filha, e seu olhar, tão diferente daquele ao qual eu estava acostumado a ver nos vídeos. A voz, no entanto, era inconfundível.

“Não era ela?”, disse meu amigo, irrompendo na sala com o braço enlaçado na cintura de Tigão. “Era óbvio que era ela, estou falando!”. Os dois debatedores entraram na cozinha, o mais calmo dizendo, “impossível, cozinheiro, é isso mesmo? Vocês viram a Amanda Sky hoje? E não fizeram nada?”, “e iam fazer o quê, ô, o que você acha, né, que eles iam, sei lá, perguntar se ela tava sem calcinha?”, questionou o outro, ao que todos rimos. Antes que eu pudesse confirmar, percebi que eles haviam saído da cozinha. André veio até mim, então, me perguntando se estava tudo bem e se eu precisava de algo. Me abriu uma lata de cerveja antes que eu pudesse responder — eu respondia às panelas —, me abraçou e agradeceu por eu estar lá. Disso me lembrou bem: ele não me agradeceu por estar cozinhando; me agradeceu por estar lá. Tomei um gole da cerveja, agradei, pedi que ele levasse alguns espetinhos já prontos para a sala e continuei.

Alguns segundos depois, ouvi uma voz dizendo “você não tem nada para mim?”. Olhei para a mão que se apoiava no balcão da cozinha. Era a mão de Amanda. Aquela mesma mão, com o mesmo esmalte, os mesmos dedos tortos, aquela mão que eu reconhecera imediatamente ao olhar Amanda erguer sua sobrinha ou afilhada ou a filha de sua melhor amiga até o pula-pula. Mas a voz não era a de Amanda; era a de Isa, que me perguntava se eu cozinhava alguma coisa que não tivesse bacon, “ou nenhuma carne, na verdade”.

Puxando um prato que não sabia se poderia usar (àquela altura eu sabia que isso já não fazia a menor diferença), montei com o macarrão o prato mais bonito que pude — que, obviamente, não era nada demais. Isa riu um pouco do meu esforço, agradeceu pegando na minha mão, e ia saindo dali olhando para mim, quando pedi que ela esperasse. Adicionei um tomate recheado ao prato. “Não tem carne nenhuma também”. Ela me olhou, como se não entendesse o que eu dizia, mas sorrindo, e ainda sorrindo foi embora.

Depois de cozinhar, me lembro de pouca coisa. Liguei para casa dizendo que dormiria na casa do amigo que me arranjava o emprego — embora obviamente fosse dormir ali mesmo, se pudesse, e não estivesse muito preocupado com isso. E então, com todos elogiando minha comida, me lembro de declarar que eu teria um restaurante, onde, um dia, todos eles iriam. “Vai se chamar Sky”, disse uma voz (a memória se turva aqui) ao que um outro respondeu que isso seria muito comum. Houve risos. “Se eu botar esse nome, vou ter que convidar a Amanda”, disse finalmente. Não me lembro de tudo o que tomei. Lembro-me, sim, da corrida até o banheiro, e das mãos de Isa em algum momento. Foi um dos dias mais felizes que vivi.

No dia seguinte faltei à escola (coisa que nunca fazia), e, chegando em casa no meio da manhã, pensei em como iria me justificar. Minha mãe estava sentada na mesa da sala, mas meu pai a acompanhava — o que, via de regra, não deveria acontecer. Ele olhava para baixo como quem houvesse sofrido uma derrota. O rosto de minha mãe estava enfurecido, e me preparei para uma bronca como nunca havia tomado, para uma expulsão de casa, para qualquer coisa. Mas minha mãe esfregava nervosamente as mãos nas coxas enquanto tamborilava os dedos. Seu olhar era descrente e cansado. Meu pai havia sido agraciado com uma escolha. Deveria se transferir para o escritório de Buenos Aires ou então procurar outro emprego. Ele aceitara a transferência. Minha mãe se separaria dele um ano depois, voltando para o Brasil — para Cartago — no dia da assinatura dos papéis do divórcio.

Liguei para meu amigo dizendo que não trabalharia mais no buffet. Ele entendeu, e nunca mais nos falamos. Fiquei em Buenos Aires com meu pai e lá estudei gastronomia. Lembrava-me sempre

dos dois debatedores daquela festa ao ver os argentinos discutindo sua política e suas letras. Continuei cozinhando, estagiei com o mais famoso dos chefs argentinos, fiz carreira. Visitava minha mãe, que agora se orgulhava de ter um filho chef, com frequência. Ela ia bem, se casara de novo e entrara no ramo imobiliário. Continuei, também, acompanhando a carreira de Amanda Sky, quase sempre de passagem. No ano da festa ela ganhara um prêmio de melhor atriz pornô do mundo, o que a levava, por um breve período, aos Estados Unidos. Mas talvez, como minha mãe, ela sentisse falta do Brasil — nunca soube se ela morava em Cartago ou estava só de passagem — e me lembro de ter visto mais uma porção de vídeos dela. Num certo momento, no entanto, ela desistiu da carreira, e conseguiu trabalho em algum canal de TV. De uma certa maneira, ela se recusou a envelhecer no cinema pornográfico e seguir o caminho comum, botar silicone e passar a fazer filmes nos quais seu papel é o da mulher mais velha. Creio que ela foi fazer um curso para trabalhar na parte da produção, mudar de vida. Fui tentando pescar notícias, mas era difícil. Eu mantinha um arquivo no computador no qual digitava o que encontrava, mas num certo momento desisti. Pensei que nunca mais a veria.

Quando tinha juntado algum dinheiro, e estava com tudo pronto para buscar um estágio na Europa, meu pai me disse que eu deveria abrir meu próprio restaurante. Ele e minha mãe haviam conversado sobre isso quando eu decidira me tornar chef, e haviam guardado dinheiro sem que eu soubesse desde então. Ele me disse, no entanto, que isso não poderia acontecer em Buenos Aires, porque o tumulto político, as constantes desvalorizações da moeda e as crises sucessivas tornariam meu negócio muito vulnerável. Também me disse que estava de mudança para a França, onde eu poderia, se quisesse, ir visitá-lo e fazer meu estágio. Foi assim que retornei para Cartago e abri, lá, o *Cielo*.

Como já saíra do Brasil havia muito tempo, não esperei ninguém conhecido na inauguração — e estava certo ao pensar isso. Mas duas semanas depois da inauguração, o dono da casa, André, e Isa, vieram ao restaurante. Por sorte tive de atender uma dúvida de meu sommelier, de modo que pude reconhecer as mãos de Isa — pensando, primeiramente, que eram as mãos de Amanda. Fiz

questão de ir até os dois e de enviar a eles uma entrada especial. Era algo que só entraria no cardápio algum tempo depois, um conjunto de três tomates recheados diferentemente — nenhum deles levando qualquer tipo de carne. Isa compreendeu. Pensei em pedir aos dois que me esperassem até o fim do serviço, mas achei melhor convidá-los para chegar mais cedo no dia seguinte, uma hora e meia antes que o restaurante abrisse. Eles vieram, e conversamos muito. Esclareceram que, originalmente, deveriam ter vindo os dois debatedores também — João e Marcelo eram os nomes deles — mas os dois estavam fazendo seus doutorados na Alemanha. André me contou que Pingo havia morrido dois anos antes de leucemia, e que meu amigo, pouco tempo depois, fora demitido do buffet e brigara com todo o grupo. Babi se tornara produtora no jornal local.

Ao saber daquilo, não pude me conter. Pedi logo o telefone de Babi, mas sabia que minha esperança podia ser infundada. Ofereci aos dois que jantassem novamente no restaurante, dessa vez sem pagar, e embora eles tenham aceitado o convite para o jantar, fizeram questão de pagar. Pude presentear-los, ao menos, com uma garrafa de vinho. Antes de ir, Isa me mandou uma mensagem me dizendo que fora muito atencioso fazer um prato em homenagem a ela, e que Babi estava de licença maternidade, afastada do trabalho. Isa era a madrinha de sua filha.

O contato com Babi não foi de todo infrutífero. Consegui descobrir que Amanda G. S. de C., a pessoa que eu procurava, havia trabalhado com ela por um curto período de tempo. Por algum motivo não parecera se adequar — Babi chutava que o chefe canalha das duas estivesse por trás da demissão da colega. A coisa toda ocorrera no meio de uma série de cortes que a emissora fazia, então era difícil definir o que era arbitrariedade e o que era necessidade, ou ainda quem estava sendo retaliado. “Havia menos retaliações naquela época do que hoje, com certeza”, ela me disse, “e pode apostar que vai haver mais nos próximos anos. É uma época difícil para ser jornalista, e eu e a Lili estamos pensando em dar no pé.” Perguntei se alguma das duas falava francês e, tendo sido informado que o francês de ambas era muito melhor que o meu, enviei a elas o contato de meu pai, que talvez pudesse ajudar. As duas se mudaram com a filha para a França uns dois anos depois.

Continuei conversando com Isa por algum tempo, majoritariamente por mensagens no celular. Houve um hiato, no qual ela teve um namorado e, portanto, não nos falamos mais. Mas depois recebi uma nova mensagem dela e retomamos a troca normalmente. Eu estava tão imerso no trabalho que, talvez, não tenha percebido o quão chateado eu ficara. Meus cozinheiros me dizem que eu era intratável naquele período, mas contam isso agora em tom de brincadeira. Antes que ela arranjasse esse namorado, me perguntara uma vez — também em tom de brincadeira — se eu havia convidado Amanda Sky para a inauguração. Nunca soube se, naquele momento, ela sabia de minha conversa com Babi. Neguei, adicionando que não pude encontrá-la, mas que, se pudesse, teria enviado o convite.

Quando o restaurante fez três anos, tirei as primeiras férias. Eu percebia uma mudança no perfil da clientela, e conforme eu me consolidava, crescia meu medo do tipo de conversa que circulava ali dentro. Babi já havia ido embora, e eu pensava no quão bem fizera. O número de casais homossexuais começou a diminuir sensivelmente, e eu mesmo tive de expulsar um grupo de seis clientes que ofendera um casal assíduo. Eu virara manchete de jornal na cidade — Cartago tinha dessas coisas — e minha mãe, por sorte, sempre me apoiara. O *Cielo* se tornava mais famoso, e pessoas de outras cidades começavam a fazer reservas. Eu crescia, mas tinha medo. Foi então que decidi chamar Isa para ir comigo à França, visitar meu pai. Ela me perguntou o que aquela viagem significava. Eu disse que não sabia, ao que ela respondeu que, quando eu soubesse, podia convidá-la. Sem mágoa, e com razão, creio.

Antes de entrar no avião, procurei por ela. Talvez por ter visto séries ou filmes demais. Meu susto, ao ver alguém que falava nervosamente no celular, ao ver suas mãos, foi tanto que pedi, por um momento, que a moça da companhia aérea esperasse. Obviamente não era Isa. Mas antes que eu pudesse perceber a diferença da cor dos olhos, dos cabelos, da voz, o que percebi foi o olho roxo, o braço enfaixado, o nervosismo. Amanda G. S. de C. tremia. Sem maquiagem, vestindo roupa de frio, Amanda estava ali, e era a minha chance de convidá-la para o restaurante. Seu nervosismo se intensificava, ela olhava ao redor, e tive a impressão, a nítida

impressão, de ver que homens a olhavam de pontos diferentes daquele saguão. A moça da companhia aérea ralhava comigo — eu nem conhecia Amanda G. S. de C., e nem mesmo Amanda Sky — mas eu precisava ir até lá. Amanda, então, parecendo mais calma, se dirigiu a outro portão. Os homens a seguiam com o olhar. E eu tive de entrar, tive de entrar no avião.

Amanda nunca foi ao *Cielo*. Nunca mais a vi. Mas sei que é a história dela, e não a minha, a que deveria ser contada.



**Rosângela Vieira Rocha** | Jornalista, advogada, escritora e professora aposentada do Departamento de Jornalismo da FAC/UnB. Nasceu em Inhapim, MG, e mora em Brasília desde 1968. É autora de catorze livros, adultos e infantojuvenis. Nos últimos cinco anos, escreveu três romances: *O indizível sentido do amor* (Editora Patuá, 2017), *Nenhum espelho reflète seu rosto* (Editora Arribaça, 2019) e *O coração pensa constantemente* (Editora Arribaça, 2020). Recebeu vários prêmios literários e tem contos e artigos em diversas coletâneas e livros acadêmicos. Participa ativamente do Movimento Mulherio das Letras. É colaboradora da revista literária digital Germina.

### *o trovador de Toledo*

**D**escabelada, com roupa de casa, os pés enfiados em chinelos de borracha, ela desce o morro lentamente. A calçada é muito estreita e tem de se agarrar às paredes dos prédios, para não cair. O declive acentuado faz com que ande quase agachada. Mas não é só por causa do declive que se encolhe. Sente cólicas fortíssimas e sangra. As pontadas fortes provocam-lhe tonturas. Ou seria uma queda de pressão? Sua pressa a impedira de pegar o estetoscópio no armário. Justo ela, que mede a pressão arterial alheia o dia inteiro, como médica residente numa clínica.

Essa caminhada não rende, constata, com desgosto. Ainda faltam uns quatro ou cinco quarteirões. Sempre achou o hospital perto, e se vangloriava com os amigos de morar nas proximidades de um hospital público. Mas essa é uma noite diferente de todas as outras, a mais triste que já teve. Como pôde chegar a isso? Que decadência. Então, a mulher valente tem medo da mãe, em plena década de sessenta? Palavras duras ainda ressoam por todo o seu corpo: você me traiu, Adriana, com essa gravidez prematura. Não foi esse o trato que fizemos, quando prestou o vestibular. Eu me propus a ajudá-la a realizar o seu sonho, pagaria parte das mensalidades da faculdade, compraria aparelhos, e futuramente você auxiliaria a sua irmã menor. Mas agora, pondo no mundo uma criança antes de ter marido, como vai ajudar a Aninha? Que vergonha, engravidar sem ser casada. Você é uma traidora, não tem palavra, não levou o nosso

trato a sério. Solteira e grávida, que horror. Não criei filha para fazer esse papelão. O que vou dizer à sua avó, às tias, à família toda? Que minha filha mais velha não tem vergonha na cara? Mas eu não vou me vingar, quem vai se vingar por mim é Deus, não vou precisar levantar um dedo. Sabe como? Você nunca, mas nunca, nunca será feliz.

Um forte arrepio toma-lhe o corpo. Sente frio, o tecido do seu vestido caseiro é muito leve, e venta. Ouve ruído de trovões, enquanto vai se arrastando, ladeira abaixo. O sangue escorre pelas pernas, não pegou nem sequer um absorvente, tal a pressa com que saiu de casa. Há quantos dias tinha ocorrido aquela conversa? Uma semana, talvez? Não consegue se lembrar, tenta fazer contas, mas as agulhadas fortes não a deixam pensar direito. É uma hemorragia, agora há sangue ao redor de si, vai deixando um rastro vermelho pelo caminho. Ainda bem que está muito escuro, é tarde e não há mais gente na rua.

Ao dobrar a esquina, percebe haver uma festa no enorme casarão cor-de-rosa. Felizmente as árvores de acácias, carregadas de flores amarelas, a tornam invisível. É uma comemoração ao ar livre, que parece muito animada. A música alta contrasta com o silêncio da rua. Reconhece a voz de Gilda Lopes, bonita e límpida:

*Nas noites enluaradas  
Na formosa Toledo  
Alguém esconde em segredo  
Um amor proibido.*

Sente-se cada vez mais fraca e as dores fortes provocam-lhe enjoo. Decide contar os passos, para ocupar a mente com algo diferente das cólicas. Sabe que precisa de força, faltam ainda dois quarteirões para chegar. E se encontrar algum colega por lá? Tenta se lembrar se alguém da sua turma faz residência naquele hospital, mas não consegue. Sente mais frio ainda ao cogitar essa possibilidade. As arrogantes Marluce e Sara não trabalhavam ali? Não, agora estão na clínica São Guido, lembra-se. E o Zeca? Que bobagem, está fazendo confusão. Zeca é filho de gente rica, foi estudar na Europa. A simples lembrança de Zeca a faz vomitar ali mesmo. Foi apaixonada por ele

no início do curso e rejeitada sob a alegação de que “tinha pernas finas demais”. Mal-educado e cruel, aquele bigodudo. Disse aquela frase completamente dispensável sem anestesia nem nada. Assim, de repente, no terceiro ou quarto encontro. Pernas finas demais! Não argumentou, de tão chocada. Foi a última vez que o viu, a partir daquilo não mais o enxergou. Tem essa propriedade, a de não ver mais quem a fere.

Resolve descansar um pouco sob um dos galhos de acácias. Preciso adquirir forças, tenho de continuar, sua mente grita. Mas o corpo, este deseja ficar esticado ali, coberto com o vestido ensanguentado. De repente, um casal sai da casa, caminhando até o carro. O homem está com uniforme da aeronáutica, cheio de comendas. Deve ser um brigadeiro. Se tivesse coragem, pediria uma carona até o hospital. Mas empapar a poltrona do carro dos outros de sangue? Responder a perguntas de um militar? De alguém de patente tão alta? E se acabar presa, como o filho de dona Gertrudes? Melhor ficar bem encolhida ali mesmo, até o homem dar a ré no Ford Galaxie branco e partir.

*O trovador de Toledo  
Pelas noites escuta  
E toda gente pergunta  
Qual será o segredo  
De uma janela apagada,  
De um balcão deserto.*

Esforça-se mais um pouco. Agora, anda praticamente de gatinhas, sentindo enorme fraqueza. Devo ter perdido sangue demais. Certamente vou precisar de transfusão, raciocina. Grossas gotas de chuva começam a cair. Era só o que faltava para piorar as coisas. Se o chão ficar escorregadio, talvez seja melhor tirar as sandálias de dedo. É provável que machuque os pés, nas pedras irregulares da calçada. Mas ainda assim é melhor que uma queda, decide. Em poucos minutos a chuva se transforma em tempestade. Mas agora falta apenas um quarteirão.

Tenta pensar num show de Gilda Lopes, chamada a “Fabulosa”, a que assistiu certa vez. Tão bonita era a cantora, que não sabia se

prestava atenção na voz belíssima ou na figura da moça. Sempre invejou quem consegue sustentar sons agudos, ela com sua voz grave e rouca. Mas Gilda é cantora de óperas, lembra. Tem uma técnica muito apurada e é soprano.

A chuva lavou o vestido ensanguentado, grudado ao corpo. Sente-se nua, assim descalça e mal coberta pelo pano fino. Uma residente do curso de Medicina, quem diria. E chegarei ao hospital como uma mendiga, molhada e descalça. Encontrarei alguém conhecido por lá? Um colega, um professor? Terei de preencher formulários, responder a perguntas. Como poderei provar que não provoquei isso? Será que minha palavra bastará? Avisarão à polícia? Tenta se lembrar do protocolo, já estudou os procedimentos em várias disciplinas, embora nunca tenha se interessado por ginecologia. Tudo que encontra é o branco, o vazio. Não se recorda de nenhuma vírgula do protocolo. Desde o início do curso sua paixão pela endocrinologia tinha sido tão forte que só pensava em hormônios. Como pode ter se esquecido de algo tão primário?

Continua a andar, agora ainda mais devagar, chapinhando na enxurrada. Chora. Esse sangue expulso de suas entranhas seria de um menino ou de uma menina? Que pena, o rosto, o corpinho, nunca se formarão. Ela não o queria realmente, mas jamais faria aquilo de caso pensado. Bebê, me perdoe. Não estou à sua altura, não soube lutar por sua vida, me deixei levar pelas circunstâncias, o medo me consumiu. Não pude retê-lo, meu corpo e minha mente o rejeitaram, eu não soube vencer o mundo. Sou fraca, meu bebê.

Já consegue avistar o imponente prédio branco. À medida que se aproxima, a voz da mãe vai aumentando de volume: você me traiu, não cumpriu o trato. Nunca será feliz. As palavras duras causaram feridas fundas, mas não a impedem de continuar o caminho. Posso até não ser feliz, fala alto. Mas daqui a pouco me farão uma curetagem, provavelmente passarei por transfusão de sangue, tomarei soro e ficarei internada pelo menos quarenta e oito horas. A felicidade é sempre transitória. Agora, a urgência é estancar a hemorragia, não ter infecção e permanecer viva. Vestir roupas enxutas, aquecer-me com um cobertor, sair da chuva e da escuridão, tomar antibióticos receitados corretamente e quem sabe um prato de sopa quente, quando puder.

Finalmente, chega ao grande portão do hospital e dirige-se ao pronto socorro. E logo é atendida por uma colega idosa, que não lhe faz muitas perguntas. Após a curetagem, a colocam numa cama limpíssima, na enfermaria. Antes de se render ao torpor provocado pelos medicamentos, pensa na mãe e em sua maldição. Sabe que até as pragas das mães têm limites, não valem para sempre, e não é por serem nossas mães que se transformam em pitonisas. Adormece ao som da voz de Gilda Lopes:

*E uma janela apagada  
é o que restou, mais nada,  
dentre as lembranças que a noite  
consigo guardou um dia.*

poesia



**Rafael Mendes** | Tradutor e poeta. Residiu em Franco da Rocha, Dublin e atualmente mora em Barcelona. Publicou em 2018 *Ensaio sobre o belos e o caos* pela Editora Urutau. Tem participação nas seguintes antologias: *Poetry in the Time of Coronavirus* (EUA, 2020, no prelo), *Parem as máquinas* (Off Flip, 2020, Brasil, no prelo), *Writing Home: The New Irish Poets* (Dedalus Press, 2019, Irlanda), *32kg: Uma antologia Brasil-Irlanda* (Urutau, Europa, 2017). Seus poemas já foram publicados nas revistas Ruído Manifesto, Gazeta da Poesia Inédita, Revista Gueto, Mallarmagens, Vício Velho, Subversa, FLARE magazine, The Irish Times, entre outras. Edita o blog de tradução [Poetry Bilingue](#).

### *resposta a Kaváfis*

se os bárbaros não vierem, se os bárbaros  
não mais existirem — seremos nós  
a envenenar gatos pretos, a açoitar  
a infância, a destruir as cidadelas antigas,  
a esfumar pulmões, a espalhar arbítrio e peste.

se os bárbaros não vierem, se os bárbaros  
não mais existirem — seremos nós  
a desplumar os pássaros, a atirar nos olhos,  
a erigir muros, a proibir canções e poemas.

se os bárbaros não vierem, se os bárbaros  
não mais existirem — seremos nós  
narcisos e judas, a bomba, o cogumelo e a merda.

se os bárbaros não vierem, se os bárbaros  
não mais existirem — seremos nós  
a reinventar os bárbaros.

**Bruno Ramalho de Carvalho** (1978, Rio de Janeiro, RJ) | Escreve poemas, diverte-se tocando despretenhosamente o flugelhorn e se interessa por filosofia. Médico ginecologista em Brasília, DF, atua na área da reprodução humana assistida. É autor dos livros *A penúltima coisa que se faz* (edição do autor, 1999); *Do amor deveras e das quimeras* (e-book, Emooby, 2011); e *livra-me, poesia* (Scortecci, 2019), todos de poesia. Tem poemas publicados em revistas e portais de literatura, como Cult, Gueto, Mallarmagens, Ruído Manifesto e Mirada. Tem, ainda, mais de 70 artigos publicados em periódicos científicos.

### *transformação*

passei a tarde de sábado

lendo

*José de Ribamar Ferreira*

parei de ler tarde sábado

a escrever

esquecendo

vírgulas pontos e por gosto

as maiúsculas

e peguei-me a esfregar

as mãos sobre o rosto

como tanto o vi

em fotos

com as quais me espantei

transformação

pseudônimo: um verbo

entendedores entenderão

num gesto

o grito dos ossos

um perfume de jasmim jamais



sentido  
e o barulho de uma rua *Duvivier*  
onde oportunamente passei a morar

do que eu não sabia  
em 5 de setembro de 2020  
o acinte da poesia

a me *Gullar*

**Katia Marchese** | É de Santos, 1962. Está nas coletâneas *Senhoras Obscenas I e III* (Benfazeja, 2017 e Editora Patuá, 2019), *Tanto Mar sem Céu — Laboratório de Criação Poética* (Lumme, 2017), *Casa do Desejo — A literatura que desejamos* (Editora Patuá, Flip 2018), *Poesia em Tempos de Barbárie* — org. Claudio Daniel (Lumme, 2019), *Hiltinianas vol.1* (Editora Patuá, 2019), entre outras. Tem poemas publicados nas revistas *Germina*, *Musa Rara*, *Portal Vermelho*, *Zunái*, *Ruído Manifesto*, *Jornal Tornado* — Portugal e *Jornal Rascunho*. Participa do coletivo O Ateliê de Poesia. Publicou a Plaquete *Por favor diga meu nome* (produção gráfica Uva Costriuba, 2019). Fez o curso de Escritores do Clipe em 2019 na Casa das Rosas, Museu Haroldo de Campos de Poesia e Literatura SP. Contemplada no Edital do Governo do Estado de São Paulo Proac Poesia 2019, com o projeto do livro *Mulheres de Hopper*, e lançamento previsto para dezembro de 2020. Mora em Campinas.

### ***mil impiedades por dia***

Sob um céu  
implacável,  
o azul desolava  
os rostos.

Ninguém plantou  
as flores da morte  
naqueles corpos de agosto.

### ***artifícios da memória***

O sangue explodia dos pulsos,  
formava teias vermelhas  
que subiam aos céus.

(na mesma hora  
o estrondo da pedreira)  
Eunice calou a cena,  
pedra que aderna  
dentro da cabeça.

No morro São Bento,  
corre aquele silêncio,  
que preenche as ruas  
depois dos desaparecimentos.

### *repertório*

Pavões azulando o espaço,  
não me traga problemas, Eugenio.

As coisas são como são,  
nenhum homem presta, Iracema.

### *istambul*

O céu cobalto  
sobre a mesquita.  
A pino, o sol das dores  
cintila a fina lua e a estrela.

Tira o punhal  
e colhe jabuticabas.  
É o que resta.

| poemas de *O azul é vingativo*, plaquete ainda em construção. |

**Armando Freitas Filho** | É poeta. em 2003 publicou *Máquina de escrever — poesia reunida e revista* (1963–2003), no qual comemora 40 anos de carreira. Recebeu, em 1986, com o livro *3x4*, o Prêmio Jabuti e em 2000, com o livro *Fio terra*, o prêmio Alphonsus de Guimaraens, concedido pela Biblioteca Nacional. Em 2001 ganhou a Bolsa Vitae de Artes. Em 2006 publicou *Raro mar*. Em 1979, publicou o ensaio “Poesia vírgula viva”, no livro *Anos 70 — Literatura*, no qual faz um panorama da poesia brasileira desde os anos 50. É o organizador da obra de Ana Cristina César.

\* \* \*

Quem com ferro  
                  alcança  
os olhos abertos  
da ferida.  
          Quem com os olhos  
fura  
          a bandeira de vento  
          a blusa azul da manhã  
          que mesmo assim continua:  
brisa ou  
          barco à vela  
sobre o mar  
          ave, avião  
com suas asas de viagem  
voando como qualquer nuvem  
de pensamentos no céu.  
          Quem com olhos  
de ferro  
          procura  
o rosto do meu corpo  
quem com as feras  
          se lança  
no rio do meu coração  
em vão  
          quem com ferro?

\* \* \*

Como um dia perdido  
dentro da vida  
                  como um dia  
esquecido na lembrança  
que abandona  
                  todo o seu vento  
o tanto de sol  
que entra no pedaço da tarde  
parada sobre o quintal  
este dia  
          se repete  
entre tantos  
          e chega  
até a mim  
          repentino  
com a sua sombra a esmo:  
o mesmo vento  
o mesmo sol que bate  
na mesma tarde e anda  
no chão de agora  
                  perdido  
como o dia de dentro  
como o dia de antes  
com a sua luz que alcança  
a vida  
                  deste momento.

\* \* \*

Terra —  
a nuvem se decifra no céu  
o sono some no sonho  
que logo se soma  
a outro desenho, a outro  
desígnio, cisne de signos  
ou sino de neve  
ou hino de névoa  
no céu, as nuvens  
seguem e cegam  
o olho de mel do sol.

Terra —  
aqui, no chão, a sombra  
calça suas luvas  
ao avesso, alça  
nos ombros, armários de carvão  
aqui, tão perto do coração  
tão junto do peito  
na beirada de pele e de pedra  
do corpomar do planeta  
minha vida se abraça com o espaço  
de cada dia, e passa.

**Leonardo Tonus** | Professor em literatura brasileira no Departamento de Estudos Lusófonos na Sorbonne Université (França). Membro do Conselho Editorial e do Comitê de Redação de diversas revistas internacionais, atua nas áreas de literatura brasileira contemporânea, teoria literária e literatura comparada com pesquisa sobre imigração. Em 2014 foi condecorado pelo Ministério de Educação francês Chevalier das Palmas Acadêmicas e, em 2015, Chevalier das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Foi Curador do Salon du Livre de Paris de 2015 que teve o Brasil como país homenageado e, em 2016, da exposição Oswald de Andrade: passeur anthropophage no Centre Georges Pompidou (França). É o idealizador e organizador desde 2014 do festival literário internacional Printemps Littéraire Brésilien. Em 2018 lançou sua primeira coletânea de poesia intitulada *Agora vai ser assim* (Editora Nós, 2018) e vários de seus poemas já tiveram publicação em antologias e revistas nacionais (*A resistência dos vaga-lumes*, 2019; *Em tempos de pós-democracia*, 2019; *O que resta das coisas*, 2018 — finalista do Prêmio Ages 2019) e internacionais (*Aosnoivoirquinos*, New York, 2019). Seu livro mais recente é *Inquietações em tempos de insônia* (Editora Nós, 2019).

\* \* \*

enquanto berram pelos telhados  
mitos fundantes de uma arte imperativa,

enquanto imaginam nacionalidades encasteladas  
em seus bunkers genocidas,

sangram pelos pés de Paulo Nazareth  
os gritos de uma memória

sem a memória  
de seus gritos.

silêncio em pedra  
de uma memória polida  
(quase) sempre generosa,

exceto em meu país.

\* \* \*

como se desvencilhar da filosofia que nada concebe,  
que só concebe a vida, sem vida,  
que não se concebe enquanto prática de vida?

estaremos condenados a nos equilibrar  
em suas ridículas pernas de pau,  
a nos arrastarmos, trôpegos, mundo afora  
com seus eternos aforismos,  
por acharmos a terra rude demais  
selvagem demais  
aos nossos confortáveis pés  
moldados na rigidez de velhos conceitos?

dos sonhos despiram-se as palavras,  
do gesto libertário que a literatura inspira:

a sua capacidade de imaginar.

\* \* \*

desdobro das vogais  
suas almas  
indisciplinadas  
e



do verso  
ergo a palavra—  
grito  
por ainda não a saber,  
palavra.

às vezes faltam às palavras  
a coragem de simplesmente serem,

palavras.

**Constança Guimarães** | Escritora mineira e jornalista, autora de *Ombros caídos olhando pro Inferno* (Editora Urutau, 2017) e *A sereia da Contorno e outras histórias* (Editora Leme, 2017). Tem poemas e contos em publicações como Revista Gueto (especiais *Utopia/Distopia* e *Crianças em guerra*) e Revista Torquato.

### *poema em série*

#### **um**

o pneu da bicicleta  
a gente enchia de palha quando furava  
palha que também era o recheio  
do colchão da cama dos meus pais  
que não rangia porque  
eles mal se mexiam à noite  
às vezes apenas talvez quase nunca porque o pai  
não chegava à noite  
chegava sem dar bom dia  
a mãe não dormida de espera já passava o café  
ralo como os cabelos  
que prendia sempre acordada  
a mãe não fazia nenhum barulho  
como a cama em que durmo hoje  
quando me mexo o tempo inteiro investigando aquele tempo  
ralo como as alegrias  
da mãe que sorria pra dentro quando a gente chegava  
pra jantar a sopa lembrava aquele tempo seco  
minha mãe fazia que não era com ela  
que nunca existia antes de mudar dali  
sozinha com a gente e a bicicleta  
cantando

## **dois**

a mãe saiu com a gente  
ninguém de nós sabia pra onde  
mas a gente ia grudado  
nela que ia grudada em nada era o que  
a gente pensava  
miúdo calado  
seguindo o passo depois  
o outro passo fomos  
até aonde a mãe conseguiu chegar

a gente não sabia  
nem eu nem ninguém soube  
a mãe chegou sozinha  
onde estamos hoje bem

## **três**

a mãe morreu num dia  
qualquer não fosse porque ela morreu seria  
um dia qualquer

a gente saía cedo e voltava tarde  
todos os dias eram como aquele mas de repente  
voltamos cedo  
voltamos correndo  
na hora em que íamos alguém foi dar um  
beijo na mãe dura  
abaixada no banco do canto  
da cozinha que não tínhamos terminado de fazer  
a janela ainda não era janela  
o chão ainda era batido  
como meu irmão mais velho bateu as mãos na parede sem tinta  
com dor  
e com as mãos vermelhas mandou que chamássemos o padre  
imediatamente ela tinha religião

corremos o padre correu choramos o padre rezou  
ela continuava morta  
nós sem fome sem frio sem sede  
como estávamos bem desde que  
ela saiu e a gente saiu com ela de lá

onde ela não existia  
de manhã minha mãe foi enterrada sorrindo  
à noite entendemos

a mãe já não é  
mas sempre  
é mãe não há o que fazer a gente se lembra  
da sopa do vestido estampa de flor tenho certeza  
estopa ou véu na caminhada?  
não lembro, era quente e fazia muito sol  
tínhamos fome  
não temos mais  
o que ela mais  
gostava do quê?  
nunca a gente soube  
mas cantava, isso a gente ouvia ela escondida no quintal miúda  
moída na voz grande

## **quatro**

Não era mais  
preciso nós quatro  
ficarmos  
no mesmo  
(cabia um pouco de nós)  
no quarto  
da mãe  
que não ia mais dormir e acordar ali

a gente foi arrumar  
as coisas da mãe

choramos

a gente começou pelo armário  
tiramos os vestidos  
eram apenas três                    duas saias duas blusas  
como ela podia estar vestida  
todo dia com apenas  
aquelas roupas no varal procuramos  
não havia nada da mãe só a gente  
pendurado como saíamos de dia e de noite  
a mãe não saía  
de noite de dia  
ia às vezes ao mercadinho  
às vezes à padaria  
às vezes ao correio a gente nunca soube  
o que ela ia fazer no correio  
a gente limpou o armário  
colocamos as roupas da mãe e três sapatos num saco  
o padre veio buscar

embaixo da cama  
uma caixa de papelão  
estava escrito polpa de tomate etti  
tinha muita coisa lá dentro

**cinco**

um cordãozinho dourado com uma menina pendurada  
uma vela de quando marilsa fez a primeira comunhão  
um recorte de jornal de quando o zeca se apresentou na cidade com  
a banda da escola  
a aliança riscada  
de que?  
uma foto borrada de quando fomos na cidade comprar a bicicleta  
dois terços  
uma conta barata vermelha que ninguém soube de onde caiu  
muitas cartas escritas para meu pai

dizendo onde estávamos como estávamos  
com ela seladas  
com endereço e tudo  
uma redação minha da escola sobre o calor daquela terra que ferve  
em mim  
até hoje

me mexo  
a noite e minha cama rangem  
sofro depois que entendi minha mãe

| poema do livro *Como se a gente conseguisse medir o tamanho do escuro* (Editora Urutau, no prelo). |

**Maria Valéria Rezende** | Nasceu em Santos, São Paulo, onde viveu até os 18 anos. Em 1965, entrou para a Congregação de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho. Dedicou-se sempre à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste, vivendo em Pernambuco e depois na Paraíba, no meio rural, até 1986 e, desde então, em João Pessoa, onde está até hoje. Compre os livros da autora em sua loja virtual no [\[link\]](#).

### *sete haicais*

Nasce toda verde,  
vermelha renasce a folha,  
logo será ouro.

\* \* \*

Preso em saco plástico  
último frêmito de asas —  
morre a borboleta.

\* \* \*

De ponta-cabeça  
céu vira mar, mar é céu —  
e o céu tem marola

\* \* \*

A casa vazia  
sem cheiro nem som, revive;  
chegou a criança!

\* \* \*

Ouço um chilrear —  
há uma criança e há pássaros —  
de quem esse canto?

\* \* \*

Goiabas maduras —  
Corro a colhê-las — os pássaros  
acordaram antes

\* \* \*

Estrada longa  
margeada de cajueiros  
— água na boca.



**Tomaz Amorim Izabel** | 32, pesquisa sobre e escreve literatura. Os dois poemas a seguir são de *Meia lua socio*, seu segundo livro de poemas lançado em outubro pela Editora Primata.

\* \* \*

bate a foto  
em voo pobre  
sem asas  
um peito que não arfa  
passa batido  
sem compromisso  
como um ônibus que não para  
no ponto vazio  
bate a foto de cima  
vê como um cometa  
gente prédios esquina  
a cidade fervilha  
mas sem charme que  
na extensão do planeta  
a distinga  
está ali como também poderia  
estar uma cordilheira  
ou um bando de ondas  
um ponto nublado no mapa  
bate a foto  
sem escutar nada  
lá no alto ou embaixo  
das milhares de árvores  
só vê o granulado das copas  
ovaladas  
não vê embaixo de uma delas  
em tarde clara de novembro  
a barriga grávida  
e cravejada  
a primeira no galho  
prestes a desabar

\* \* \*

um casal sentado num banco  
ela com cachos brilhantes  
ele em camisa verde-oliva  
interrompidos em seu romance  
pelo romance maior com a lua  
iluminada  
de lá  
de volta  
olhar nenhum  
pedras e poeira e luz solar  
sem atmosfera que a reflita  
lembrança de um outro mundo  
o amor

**Flávia Andrade** | Nasceu em São Paulo e é apaixonada pelas noites da cidade. Psicóloga, psicanalista e Mestre em Filosofia de formação, sente-se atraída desde cedo por arte, teatro e poesias. Quer colocar em verso aquilo que não pode ser racionalizado pelas vias formas do conhecimento e da compreensão humana. Faz da escrita seu caro divã. Não entende Hilda Hilst, Conceição Evaristo e Clarice Lispector com a razão, mas com os sentidos. Sente-se contemplada pelos sentimentos em letra dos grandes poetas e acredita que escrever poemas é condição de possibilidade da própria vida. É autora do livro *A Cidade do tempo cão e outros poemas de físuras*, publicado pela Editora Patuá. Curadora da página Mulheres na poesia.

### *microversos da carne-viva*

saber a perda antes da perda dói mais  
pisar no tempo da cidade indolor  
Procurar abrigo na pele rasgada pelo sentido

a mulher é o bicho que pisa o tempo  
em carne-viva

### *microversos da presença metafórica*

as duras palavras do silêncio esculpiram minha angústia  
o reviver  
a reminiscência do tempo do afeto voador

os dias sobem e descem e o pássaro da presença ausente sobrevoa  
meu tempo  
ensaia um canto mas não pousa nos meus dedos

observa outras rotas  
em meus sonhos tento pegá-lo  
mas há penas que escorregam

nas asas ressentida imponência  
cantos de mágoa e ferida aberta

Sobrevoos de partidas  
que desejam vingar-se

entrelinhas de aves metafóricas  
nomeiam afetos impossíveis

### *epiglote (pandemia)*

agora o que resta?  
nos tiraram o abraço  
o ar  
a fuga  
se antes chorávamos os sem teto cobrindo  
agora  
além do choro da ausência do muro que protege  
Choramos a rua  
vetada  
nos tiraram as estradas a calçada a vizinhança a feira  
o mar

restam os devaneios  
nos roubaram os sussurros em meio a barulhos de concreto duro  
Aquele que nos carregava para nossas multidões  
Antes invisíveis — agora desejáveis  
Nas massas  
o barulho disforme que antes nos obrigava a lamber ouvidos em  
palavras gritadas  
cala agora desde dentro da nossa traqueia

resta ela  
A traqueia  
intubada

vetado o vento  
resta o ar mecânico e as torres caras do oxigênio comprado  
restam mãos cansadas  
que pulsam bravamente os corações desistentes

restam corações sem respiradores  
não foram sorteados na loteria dos vivos  
desmerecidos  
envelhecidos

nos tiraram avós e filhos  
Nos levaram os abraços e as flores no cemitério de partidas  
que já antes nos negavam

Choros?  
Já diziam feios  
os lutos?  
Fraquezas de quem vive  
Vetado o adeus  
Agora e lá ontem  
enterro do luto

lá e hoje  
resta  
a fraqueza resignada e a abafada perda  
a traiçoeira perseguição da palavra trocada  
se choraria a saudade de quem amo e foi  
resta engolir e ficar  
negação da dor  
moral do declínio

restam as fugas para dentro  
a deglutição obrigatória  
do intolerável

nos levaram as ruas da revolta

Roubados os narcisismos  
agora exaustivos

roubada a perspectiva  
a ilusão da certeza  
da planilha de meses vindouros

Restam memórias e pesadelos  
agora bem-vindos

Restam  
Os filtros do ar  
olhos  
o embaçado do vidro para ver o mundo  
inacessível  
e resta  
o silêncio

### *na sala*

Olhando esse tapete da sala  
cada vez que me distraio  
eu te vejo  
e vou te ver  
deitado e suado  
cansado  
fingindo menosprezo  
sorriso de lado e essa timidez que se quer esconder em tabaco e  
excessos  
nesse tapete  
é sempre tua imagem alucinatória  
E de ilusões e delírios se fazem minhas memórias imaginárias  
eu em você  
no teu sofá  
Aquele que dá para tua rua

teu semblante e tua expressão de susto de minha imagem descarada  
é sol é claro é dia  
essa mulher sedenta  
Montaria clara  
Fome da tua carne que recusa convenções  
a fome  
não conhece as regras  
e na tua cozinha estamos de novo  
e num bar numa rua de paralelepípedos  
e no caminho daquela universidade que não nomeio  
no cerrado dos meus olhos  
Pensamento aberto  
É sempre você nesse tapete  
é você essa música e esse corpo largado  
Imaginário  
Desejado  
real  
teu poema era para ser  
pretensão de segredo  
Toda vez que a gente sai  
Falta  
e na volta você fica  
Rindo para mim  
debochado e tímido  
Espírito inquieto e sempre estranho  
Tua estranheza se familiariza com a minha  
Mais que muito  
E depois de volta aqui  
Com os acordes insones e esse violão roubado  
no tapete da minha sala  
E toda vez que você não vem  
Falta  
e toda vez que você não diz:  
Vem  
Falta

**Rodrigo Garcia Lopes** (Londrina, PR, 1965) | Poeta, romancista, tradutor, compositor, ensaísta e jornalista. Publicou os livros de poesia *Solarium* (1994), *Visibilia* (1996), *Polivox* (2002), *Nômada* (2004), *Estúdio realidade* (2013), *Experiências extraordinárias* (2015) e *O enigma das ondas* (2020). É autor do romance policial *O Trovador* (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2015).

### *pós-verdade*

Manhã de chuva, carrancuda  
como um general russo.

Do nada, desanda a pensar:  
a metalinguagem repôs (perigosa-

mente) o solipsismo do eu-lírico romântico.  
Por que não o som do caminhão de lixo

ou a pitanga no bico do pássaro  
contra um céu ardente ardósia?

A mancha de mostarda em sua blusa?  
A menor distância entre dois pontos

não é você, Ego, seu tonto.  
Céus, que luta mais inútil

se pode travar num papel?  
Pra que se encalacrar com este encavalar

de palavras parvas que não levam a nada,  
nenhum Valhala, Alamut, nenhuma Atlândida?

E o pior cego, insisto, é o que disse  
que a vida não vale um alpiste



e que o dia é fake news e não existe.  
Faça o seguinte, ou não faça:

Substitua a arrogante arte da recusa  
pela simples e grata aceitação das coisas.

### *vontade de crer*

Preso no inferno da torre  
ou sem boia, em mar aberto.  
Impossível curar este porre.  
Tudo vai dar certo.

Nada será como nunca.  
O real abraço e nada aperto.  
Cansaço desta espelunca.  
Tudo vai dar certo.

Estamos à beira do abismo.  
O amor naufragou aqui perto.  
Tempos de barbárie e cinismo.  
Tudo vai dar certo.

Do nada, pessoas somem.  
Nosso plano foi descoberto.  
Deletaram nossos nomes.  
Tudo vai dar certo.

Pior do que está pode ficar.  
Dias sombrios, céu encoberto.  
Mentiras turvam o ar.  
Tudo vai dar certo.

Sem grana, cama, namorada.  
Da janela só este deserto.  
A espera deu em nada.  
Tudo vai dar certo.

Patifes e assassinos por toda parte,  
Hipócritas ditam o que é correto.  
Só nos resta o agora, esta arte.  
Tudo vai dar certo.

Acabou a caneta, o vinho tinto.  
O esplendor será secreto.  
O espelho nunca esteve tão sozinho.  
Mas tudo vai dar certo.

### *breve história da solidão*

No escuro de uma caverna,  
nas paredes de Pompeia,

na superfície de um papiro,  
na solidão de uma tela,

num grafite imprevisto  
ou na imensidão sidérea,

esses escritos, frágeis rabiscos,  
querem dizer apenas isto:

existo.

| poemas do livro *O enigma das ondas* (Editora Iluminuras, 2020), disponível na loja virtual editora [[link](#)]. |

**Itamar Vieira Junior** | Nasceu em Salvador, Bahia, em 1979. É escritor, geógrafo e doutor em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). São de sua autoria os livros de contos *Dias*, de 2012, vencedor do XI Prêmio Arte e Cultura (Literatura — 2012), e *A oração do carrasco*, de 2017, obra selecionada pelo edital setorial de literatura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, e o romance *Torto arado*, vencedor do Prêmio LeYa em 2018.

\* \* \*

, por exemplo,  
não tem nada a ver  
os fantasmas vestidos de branco  
os ruídos das correntes  
os homens sérios  
sinto-me menos livre do que antes  
atormentado  
não mudaram nada  
os ratos  
continuam roendo o edifício  
não se preocupam com o que me preocupo  
poderia descansar um pouco do jogo  
da brincadeira  
do país  
“agora venha tomar banho”  
o que isso significa quando o que está em jogo é o que não  
compreendo?

roubei dinheiro  
queimaram minhas mãos  
todos estavam certos  
era perfeitamente natural  
sobrenatural  
é a linguagem e dela me falam  
há uma placa ali, mas nada diz  
combina?

um, dois, três, um com o outro  
um gozo múltiplo  
só estou repetindo o que me dizem  
e mudo a página  
duzentos e quarenta e um  
é a sua vez  
é uma ideia estranha imaginar o que dizem  
algo vai acontecer, sussurram  
eu espero  
pode ser não pode ser  
no final podem dizer que é invenção  
mas é claro que estou ali  
que estou aqui  
que sou palavra  
já não posso imaginar  
atiram uma, duas, três cabeças  
por cima do muro  
não há nada nosso nesse contexto  
há o que o mundo exige  
não há como dizer que tudo é um sonho  
há fragmentos de referências

quando começo é o começo  
gradualmente  
é uma dimensão, uma estrutura  
pouco a pouco vou me perdendo  
uma ponte que atravessa de um abismo a outro  
o que não vemos é de uma grande riqueza  
cortado a alicate  
esculpindo cristais  
a organização, o método, o sistema, o comando, a hierarquia  
a lista de coisas que exigem  
a burocracia  
para extinguir o possível

“eu tenho o que é preciso”  
perdido em algum lugar daquele outro quarto  
sem abandonar  
há algo realmente puro?  
o que equilibrar?  
eu que estou condenado,  
por exemplo,

### *escolhas*

É preferível a casa violada  
a casa cerrada  
o sentimento acerca das coisas  
às coisas cercadas de sentimentos  
é preferível as pichações nas paredes  
ao idiota limpando-a  
ou o ponto de partida  
ao ponto de chegada  
é preferível a falsificação  
à crucificação  
quase sempre é preferível a mentira  
à verdade  
a criatura  
ao criador  
ou a personagem  
ao autor  
é preferível a página rasgada  
a que está inteira  
a paz solitária  
ao amor que aprisiona  
é preferível desferir o golpe  
a oferecer a outra face  
ou deixar tudo no começo  
a terminar sem nada  
é preferível a prisão da rotina  
à liberdade vigiada

guardar um pensamento consigo  
a revelá-lo como um poema

*entre*

Aventurar-se no espaço  
entre a parede e a cama  
tentando alcançar  
o que pudesse ter entre as mãos  
a luz tremula  
desenhando sombras no domínio  
a boca seca  
silenciosa como o aviso  
agoniza o corpo  
entre a cama e o abismo  
as mãos mais que nuas  
sentem o acaso  
entre os dedos cresce  
o que colheu neste vão  
sujo, o corpo refuga  
o metal  
entre o abismo e a correnteza  
algo que se movimenta  
como o começo

**Beatriz H. Ramos Amaral** | Poeta, contista e ensaísta paulistana, publicou *Primeira Lua*, *Os Fios do Anagrama*, *Peixe Papiro*, *O Averso do Arquipélago*, *A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga*, *Encadeamentos*, *Alquimia dos Círculos*, *Planagem*, *Poema sine praevia lege*, entre outros. Doutoranda em Comunicação em Semiótica na PUC-SP e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Formada em Direito (USP), em Música (FASM), recebeu 7 prêmios de literatura e cultura no Brasil e na Itália. Finalista dos Prêmios Jabuti 1994 e Anpoll 2008. Tem poemas e contos publicados em Portugal, nas Revistas Caliban, In-Comunidade, TriploV, In-Finita, na Argentina, na Archivos Del Sur, e também na França, na Itália e nos Estados Unidos. No Brasil, poemas publicados na Folha de S.Paulo, Mallarmagens, Germina, Ângulo, Escrita Droide, Cigarra, Rascunho, Dimensão, Revista da Biblioteca Mário de Andrade, entre outras. É Diretora de Publicações do MPD. Coordenou ciclos literários na Secretaria Municipal de Cultura.

### **avesso**

No avesso do arquipélago  
existem mosaicos e ilhas  
brasões e miniaturas

no avesso das fagulhas  
a lenta história de pérolas

entre fugazes semínimas  
que adentram teus compassos  
existem frações de lúcido silêncio

no avesso da avenida  
existe outra avenida  
mais larga e bem mais densa

no avesso do que é imenso  
existe a inexistência

*canto n. 2*

nas permissões quânticas  
da temporalidade  
que ondas  
conjugam as margens?

quando se refaz  
a cena do princípio?

que lagos  
abrem o segredo  
das hipóteses?

onde pousa  
o pássaro branco  
cuja altura  
— necessária —  
te abriga?

*dois noturnos*

**1**

as salamandras convidam  
para a dança das chuvas  
e adormecem

serenas  
sabem respostas  
de escolher perguntas



a madrugada dos galopes  
no estrábico desígnio  
floresce

## 2

a erosão é busca  
que revela os ventos

se alguém toca os sinos  
na grande barca da noite

raio de luz submerge  
no ventre da história

um vácuo de vontade  
em lâmina se abre

**Pádua Fernandes** (Rio de Janeiro, 1971) | Publicou, entre outras obras, o romance *Gravata lavada* (São Paulo: Patuá, 2019), o livro de contos *Cidadania da bomba* (São Paulo: Patuá, 2015), o ensaio *Para que servem os direitos humanos?* (Coimbra: Angelus Novus, 2009) e os livros de poesia *O desvio das gentes* (São Paulo: Patuá, 2019) e *Canção de ninar com fuzis* (Bragança Paulista: Urutau, 2019).

## *não percam a próxima chamada de poemas*

I

Recebemos poemas, folhas, sapatos e chuva ácida para a próxima edição da revista de poesia. Já publicamos sete edições que se autodestruíram assim que foram lidas. Os autores serão avisados quando chegar o pacote com a bomba. O conselho editorial não elaborará pareceres para textos não aceitos. Os conselheiros são especialistas em explosivos.

(aceitam-se poemas,  
mas só os não aceitos  
vão ao que interessa)

- É verdade que os poemas recusados exilam-se num gueto?
- Gueto na garganta.
- Qual é a cidadania do gueto?
- A guerra.

O currículo do editor-chefe registrou boletim de ocorrência sobre o sequestro da poesia? Não podemos confirmar. Fiquem atentos às nossas chamadas de textos, todas em branco. De que outra forma receberíamos o silêncio e o grito?

(aceitam-se poemas,  
mas nos aceitariam  
estes que interessam?)

- Como conversam a garganta e o gueto?
- A questão é que, onde há passos, há campo minado.
- A revista só aceita poemas inéditos?
- O futuro da terra: a luta pelo futuro.

Poesia talvez seja material físsil, mas os sobreviventes da explosão ainda não acordaram para confirmá-lo.

## II

Currículo do editor-chefe: detonadores para instaurar o diálogo entre o país e o gueto.

**Iolanda Brito Costa** (Itabuna-BA) | Editou, artesanalmente, folhetos de poesia *Às Canhas as Palavras Realizam Mil Façanhas* (1990), *A Óleo e Brasa* (1991) e *Antese* (1993). Tem poemas editados em jornais, agendas, antologias, revistas impressas e eletrônicas e blogs. É autora de *Cinema: Sedução, Lazer e Entretenimento* (UESC, 2000), *Poemas Sem Nenhum Cuidado* (FICC, 2004), *Amarelo Por Dentro* (Independente, 2009), *Filosofia Líquida* (Agora, 2012) e *Colar de Absinto* (Lumme, 2017). Coordena a coleção de plaquetes poéticas *Pedra Palavra* (Agora, 2012 -2020).

### **vazante**

Ao que tem sede, a recrudescência  
da sede. O peixe de salina, na vaga, expia,  
da escama, a boca sufragada do expiado.

O rezo em sal, a ida ao barco, ao copo  
emborcado do copo, salitrando, à altura  
das vagas, o corpo sedento.

Ao que tem sede, a vaza, a baixa das marés,  
a ova oleada dos peixes. Abster-se de si,  
por si, em sequioso exílio.

Como, então, emergir, da água (ou dela  
banhar-se) se à carne o batismo  
foi negado?

### **ipês-rosas**

deus não esteve nas entrecascas amolecidas de seiva dos troncos  
sulcados das peúvas quando elas se incendiaram, no pantanal. o fogo  
não veio dos raios que as chuvas trazem. os homens fizeram o fogo  
para espantar os mosquitos. os homens fizeram o fogo para renovar  
os pastos. os homens fizeram o fogo para o seu agronegócio. para o

seu agroenguiço. deus não esteve com as rosas senhoras florando, suas folhas caindo, compostas, oblongas, demoradas. nada havia entre elas, as ipês e a seneh do horeb, a tal acácia, em chamas, não consumida. não consumada. não era uma visão, um enteógeno, uma miração de moisés, uma revelação divina, uma passagem do êxodo, uma chacrona, uma sarça ardente não crestada. eram as tabebuias. as ipiúnas. viu-se, ali, o próprio deserto que não precisaria ser atravessado por não haver terra trópica prometida.

### *aganju*

era aganju pela fresta da crosta. aquele que habita as câmaras de magmas, aganju, roncou pelas frinchas. aquele que vive no fundo da terra, recolhido, aganju, roncou pelas fendas. aquele que habita o fogo nas entranhas da terra, aganju, roncou pelas falhas. boca e garganta são aganju. não silencia. costa e ombro são aganju. não descansa. seus olhos do escuro que a tudo enxerga. seus ouvidos do silêncio que a tudo escuta. do recôncavo, do paraguaçu, do jiquiriçá, do baixo sul, da baía de todos os santos, os homens e seus abalos sísmicos. os homens e suas cismas. os homens, quizila de aganju. come amalá. come bode castrado. orixá de terra firme. orixá de terra inculta. defende os menos favorecidos. parte o coração do inimigo no oxê.

**Michaela v. Schmaedel** | Nasceu e mora em São Paulo. É jornalista e poeta, autora do livro *Coração Cansado* (Editora Penalux, 2020). Para 2021, prepara o livro *Quênia — poemas de viagem*, que sairá pela Cas'a Edições.

### **presente**

Viver o campo  
o campo é a casa

flores amarelas  
em meio ao verde  
vigoroso

viver o campo  
o campo é a casa

como se a morte  
fosse agora.

### **solidão**

A semente selvagem  
é o denominador comum  
das ilusões que vagam  
nas grandes cidades.

Entre arranha-céus  
uma gaivota gira  
fantasmagórica  
na noite de verão.

Olhar para cima  
é o que se faz  
enquanto nos arrancam  
o coração.

### *semelhança*

Tem uma coisa do corpo  
o mar

algo do primeiro líquido  
balanço

depois o lançamento  
à linguagem.

Tem uma coisa da palavra  
o mar

algo que canta ao ouvido  
aspiral

a negação da solidão  
martírio dela.

O mar  
como a um irmão.

### *novo mundo*

Há sempre mais carneiros  
do que gente  
nas montanhas da ilha sul.

Um modo de pensar o mundo:  
trocar os humanos por carneiros

um campo cheio de pontinhos  
pretos e brancos

ver as caras inocentes e  
ouvir os berros delicados

não apelar ao matadouro  
não cortar a lã.



**Micheliny Verunschik** | Autora de livros de poesia e prosa. Seu primeiro romance, *Nossa Teresa — vida e morte de uma santa suicida* (Editora Patuá, 2014) foi agraciado com o Programa Petrobras Cultural e com Prêmio São Paulo de melhor livro de 2015. É mestre em Literatura e Crítica Literária e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo. Foi membro de vários corpos de jurados de concursos literários brasileiros, entre eles o Prêmio Jabuti e o Prêmio Sesc de Literatura.

\* \* \*

Toda superfície serve à palavra  
o vidro da manhã por exemplo  
ainda que úmido pelos humores da noite  
e quebradiço por sua natureza fractal  
ainda assim serve à palavra.

Serve à palavra a pedra da tarde  
sua face rugosa e irregular  
sua porosidade que leva  
ao centro dela mesma  
toda tinta toda dor e flexão.

Toda superfície serve à palavra  
mesmo o voo da noite  
insubmisso e imprevisível  
suas asas negras compondo fúria e ventania.

A palavra  
ela vem  
ela é.

### *sobre o poema*

Não necessito de outro chão  
para andar  
que não este poema.

A pedra do vocábulo  
que ultrapasso  
fere meu dedo  
com seu agulhão de zargun.

Este poema  
território aberto  
para além do mapa.

este poema  
me alerta.

### *a porcelana de todas as coisas*

*para Assionara Souza*

o pássaro retirado das garras do gato  
sua pequena vida paralisada por um instante  
paciente e forte  
sem compreender o curativo precário  
sobre o estômago delicado  
pedrinhas e sementes à vista  
o vermelho vibrante do sangue  
e talvez um raio do sol de inverno  
o atravessando.

hoje morreu uma estrela  
gás e poeira em direções opostas  
a mais de um milhão de quilômetros por hora  
supernova que alimentará outros grupos de estrelas.

eu sei que o anjo da morte inventou essa tristeza de ser gente  
e de saber da porcelana de todas as coisas.

mas o pássaro voou apesar da ferida  
e a luz da estrela brilha sobre nós em nossa frágil eternidade.

### *sobre o antipássaro*

essa caixa de guardar absurdos.  
essa caixa de gerar esquecimentos.  
essa caixa de ossos e lamentos.  
essa caixa labirinto de ventrículos.  
essa caixa de caminhos esquecidos.  
essa caixa de linhas esticadas.  
essa caixa de tudo tão pesada.  
essa caixa essa caixa essa caixa.  
teu nome dentro dela uma ave.

uma ave a bater desencontrada.

| poemas do livro *o movimento dos pássaros* (Martelo Casa Editorial, 2020). |

**Sofia A. Carvalho** | Doutoranda no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [PT], com um projecto sobre Teixeira de Pascoaes. Além de uma paixão pelo teatro que a levou a sair do lugar de espectadora, tem vindo a publicar escrito, ensaios e poemas em revistas e plataformas literárias (Revista Sítio, Forma de Vida, Jogos Florais, Subversa, Ruído Manifesto, A Virada, Literatura e Crítica, Gazeta de Poesia Inédita, entre outras). A sua mais recente edição (2019) foi a de um livre-affiche, *Hiante*, feito em colaboração com o músico electroacústico João Castro Pinto, com a chancela helvética da Grimaces Éditions.

### *acto contínuo*

#### I.

enquanto  
o mundo se afunda  
para que viva no meu rosto  
porque ainda não há  
fenda  
por onde os pulmões  
por onde uma lâmina  
por onde a espinha  
por onde  
amor absoluto

por distante que seja

por onde  
inseguríssima manhã  
ditando iniciais ao corpo  
por onde  
teia vocal circulando  
em curto  
espaço deslocado

por onde  
quem desaguando  
comigo se despenha

## II.

cada dia isto  
a carne  
por dentro da pele  
madrugada sondando  
não sei que lugar

por onde  
a consumação dos dedos  
aqueduto de vários nervos  
exortando a vida  
para não entristecer  
sozinha  
isto  
querendo dizer  
múltiplos braços cruzando  
a mesma atmosfera

por onde

alguém que mo diga

## III.

por onde  
puxada a ferros desde o começo  
eu e a vida  
impendendo sobre  
décadas cobertas de frases  
e às vezes  
muito acima disso  
olhando

estações palavras portas  
a girar  
se me chamas canção  
gerando canção  
mistura de anos na garganta  
que não é senão  
minha

e só uma coisa  
por onde o resto acontecia

#### IV.

por onde  
ignorando o lado escuro  
a zona impossível  
sem retorno  
abrindo-se  
por onde  
nem mesmo o que ignoro  
e trago comigo  
por onde  
um peito contra o solo  
sangue  
do meu sangue

então leite  
desabitando as estrelas  
monotonamente

#### V.

por onde  
meio do céu se te chamo  
isto  
porque não há perfis

por onde  
nem horóscopos  
nem lanternas nem ossos  
nem adjetivos cheios de gente  
a compor a solidão

aquilo  
valendo o sol  
e o seu aspecto em cada  
nome

por onde  
o espírito  
mexendo invariavelmente  
como se fruto  
deixando-me seduzir

atalaia transformando  
a boca em ninho

acto contínuo

por onde  
eu e tu um só corpo  
pedra branca apocalíptica  
subindo-me até aí

aí  
o que não me foi ensinado.

**Ronald Augusto** | Poeta e ensaísta. Formado em Filosofia pela UFRGS. É autor de, entre outros, *Homem ao Rubro* (1983), *Puya* (1987), *Kânhamo* (1987), *Vá de Valha* (1992), *Confissões Aplicadas* (2004), *No Assoalho Duro* (2007), *Cair de Costas* (2012), *Oliveira Silveira: poesia reunida* (2012), *Decupagens Assim* (2012), *Empresto do Visitante* (2013) e *À Ipásia que o espera* (2016). Dá expediente no blog [Poesia-pau](#) e é colunista do portal de notícias [Sul21](#).

### *duas breves elegias*

nessas viagens em que estradas  
se desatam num sem-fim  
em algum momento  
entre uma e outra colina desbastada  
vislumbro o mesmo sempre passarinho  
em voo ansioso lado a lado com o ônibus  
por alguns segundos

a noite escapa das entranhas  
dos milhares de eucaliptos  
e vai comendo devagarinho  
a estrada pelas duas pontas

### *jazz coisa*

um cara negro olho no olho da câmera  
enquanto mete os beiços no bebedouro  
destinado à branquitude

outro cara, um negro de nome clausal  
mãos no teclado do piano como se dissera  
me dá isso aqui que vocês vão ver só uma coisa



adorno dando com os cornos  
em portões que não se abrem às suas pressuposições  
sem ter ideia do como se haver com essa forma  
de traição com essa sem-cerimônia no limite  
da liturgia com esse  
transe de desobediência civil

### *simplicio*

movimento é princípio de physis.  
os céus estão sujeitos à geração e à corrupção.  
para cada um dos possíveis movimentos simples  
a conversiva, mover-se segundo  
uma premissa que não é tolerada.

o fogo  
a terra  
onde se acoita o éter indefensável.  
os três movimentos simples entalam o vale.  
a estrada e as pedras de sal  
a salmoura nos pés esfolados de simplicio  
simplicio e a circunferência.

os corpos  
os corpos  
os corpos os corpos os corpos  
no capítulo dois do livro um.  
o que pode ser completado é não perfeito

### *cohabpestando*

onde é pelotas, afinal de contas?  
uns concordam que é no laranjal.

ou que é ali no mercado e suas imediações  
a biblioteca o quindim de nozes.

os doces negros dos negros de pelotas  
muitos juram que é onde pelotas.

têm aqueles que vão convencidos  
de que pelotas é algo dos ramil.

de que pelotas agora é outra  
que é outra onde angélica freitas.

onde é giba giba, afinal, pelotas?  
é ainda pelotas ao final de tantas?

pelotas até cohabpestando  
onde extremo o aeroporto é pelotas.

esgoto a céu aberto  
onde o pestano a contragosto é pelotas.

onde é o povo negro no pestano  
a poeira das ruas de terra e chão.

o ir e vir do povo do pestano  
onde afinal é pelotas, a que eu sei.

**Nayara C. P. Valle** | Nasceu em Barra do Cuieté, Minas Gerais, e atualmente reside em Belo Horizonte. Formada em Letras-Português e pós-graduada em Jornalismo Cinematográfico. É autora de *Esmeril* (Editora Urutau).

\* \* \*

Na minha rua os passarinhos são donos do céu  
Ao entardecer ensaiam melodias improvisadas  
de notas longas e comoventes  
Ainda em casa na companhia de outras casas  
da rua, há tanto tempo que é impossível dizer  
Hoje, o adeus do sol desperta lirismo  
na semente de coentro da horta  
As canecas que não se tocaram estão vazias  
Quando recolho-as, ainda há algodão preso  
nos círculos de arame farpado do muro  
Já bem tarde a noite desponta recortada  
como peças de um quebra-cabeça

\* \* \*

Ouçó um grito na rua  
cada vez mais agudo  
dentro deste grito outro grito  
ainda mais alto

quando passa a sirene  
vejo uma poça de sangue  
refletida no arame farpado  
que protege o muro da casa

Proteção  
é apenas uma palavra

\* \* \*

*não-retorno*

O sol forte incide na varanda  
Refrata na garrafa de café, já vazia  
seus sonhos mais remotos

Uma palavra que quase existiu  
estava prestes a dizê-los por inteiro  
mas veio a época em que os termômetros mediam o tempo

Lá na última estação de trem  
lamentam a primavera  
de filhos que nunca conceberão

**Tito Leite** | Nasceu em Aurora-CE (1980). É poeta e monge beneditino, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia. É autor dos livros de poemas *Digitais do Caos* (Selo Edith, 2016) e *Aurora de Cedro* (Editora 7letras, 2019). Participou das antologias *Sob a pele da língua — breviário poético brasileiro* (org. Floriano Martins, Arc Edições, 2019), *Revista Gueto: edição impressa n.1* (org. Rodrigo Novaes de Almeida, Editora Patuá, 2019). É curador da [revista gueto](#). Tem poemas publicados em revistas impressas e digitais.

\* \* \*

Tirei do girassol  
as suas cores matinais  
e sentei a existência  
num vagão embriagado.

Na angústia-férrea  
de primaveras e gestos  
impensáveis, extrapolei  
e perdi a estação.

Nas entrelinhas  
do silêncio, a palavra  
pesa e o sangue não pondera.  
Entre bétulas e trilhos  
a loucura é bilíngue.

A mecânica  
dos bons costumes  
não é injetável  
e o limo petrificado  
do sujeito normal  
não me apraz.

\* \* \*

Um poema retirado  
das entranhas, da madureza  
de uma árvore, que sobrevive  
às estações mais infaustas.

Um poema febril,  
com a coragem de um homem  
que luta contra Deus e olha  
para um mundo em rascunho

e diz: farei mais poemas  
que o número das estrelas  
do céu. O poeta e sua

inadequação, no pescado  
das palavras os cavalos  
do motor do seu coração.

\* \* \*

Antes do sol  
se esvair  
serenamente  
nos olhos salinos  
do ocaso

quero sentir  
a cada momento  
o poema  
que deriva

do sal das águas  
que banham  
a minha alma.

**Mariana Varela** | É paulistana, vivendo actualmente em Lisboa. É poeta e mestre em Sociologia. Publicou *Enigmas de Jaguar e Jasmim* em 2020 pela Editora Urutau.

### *construção*

Da montanha vejo escorrer  
o cimento febril e diário.

Ouço, enquanto caminho  
o som das moedas  
caindo do cofre.

Cada minuto, uma moeda  
cada horizonte, um centímetro cúbico  
e todo o aparato imobiliário.

Caem ações  
em construções de luxo.

E refletores de prata  
anunciam corredores  
de mineração pesada.

Salto na água  
o barco é do tempo.

Cada centímetro anuncia  
a engrenagem nova que fizeram  
com o vento.

### *artimanha*

Aberta, a fresta deixa escapar  
o salto do gato sedento.

A língua bebe a água  
a água engole a língua.

Especialista da sede  
a língua exalta as frestas  
abertas pela palavra.

Palavra-maga  
Fresta aberta.

Água, língua  
Porta, gato.

Em toda fresta  
um salto

### *mínimo vasto*

Dentro do olho mágico  
a tua casa quase inteira.

E a roda da carroça que contém em si  
a magia da velocidade.

Meus olhos contém o mundo, quando abertos  
e fechados insinuam ainda  
surrealistas composições.



Na seda em que me deito  
está o bicho  
está China  
está a Pérsia

Adoráveis folhas e sementes  
de papoulas.

No chip que carrego está também  
a mão de obra chinesa  
vietnamita, talvez, mais barata  
a tecnologia alemã  
— Toda a divisão internacional do trabalho.

Sim, quando toco tua mão  
também posso sentir

Astros, planetas,  
constelações dominicais

O mesmo incêndio permanente  
dos signos cardinais.

Sim, não é preciso viajar  
para conhecer os mares

Vales, montes e lagos  
— nada disso preciso.

Cada coisa contém em si  
outros mosaicos

E nada está só  
nem sozinho é forjado.

Recolho-me,  
contente em saber  
que a mais pequena fechadura

contém em si  
a composição mais mínima e perfeita  
da abertura.

### *ouronomachia*

Na noite indesejada,  
passa de novo por mim a serpente  
Há anos sei que vem  
e em silêncio vejo-a passar.

Tudo que passa traz a mensagem  
maior que sua superficial imagem.

São símbolos,  
minerais fundamentais da vertigem  
venenos que convocam a maré cheia.

Aberta, o rio me atravessa  
Deserta, o rio me envenena.

O fogo flecha o signo  
e me transporta à origem  
da sua imagem mediada:

Tudo é mais que nome  
tudo é mais que imagem.

Tudo é símbolo  
tudo é viagem.

| poemas do livro *Enigmas de Jaguar e Jasmim* (Editora Urutau, 2020). |

**Jussara Salazar** | Escritora e artista visual. Publicou *Inscritos da casa de Alice* (1999), *Baobá, poemas de Leticia Volpi* (2002), *Natália* (2004), *Coraurissonoros* (Buenos Aires, 2008), *Carpideiras* (2011) com a Bolsa Funarte, ficando entre os finalistas do Prêmio Portugal Telecom na edição de 2012, *O gato de porcelana, o peixe de cera e as coníferas* (2014) e *Fia* (2016). Tem sua obra publicada em diversas revistas e traduzida para o inglês, o francês, o espanhol e o alemão. É doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

## *s/título*

UM MAR COR DE JADE  
MAR NEGRO  
PEDRAS ANJOS  
NAVIOS DE PASSAGEM

| REMIX |

*Um close-reading expõe uma quantidade de corpos  
um falso bloco de nudistas  
algaravias noturnas sob um azul violento  
que se divide em fatias  
cortadas com esmero ao vento  
bajo el sol de una faca cabralina, oh João!  
— o mar azul, o céu azul —  
duas lâminas, duas medidas.  
Uma só cicatriz. A cidade desnuda. A cidade definha.*

Entre as manobras do prático  
as redes  
hoje vão capturar uma colheita magra de peixes  
e algumas carcaças humanas abandonadas por algum predador  
marítimo.

Não falarei da cidade  
mas da mulher negra

Direi ao mar: os teus peixes morrem. Mas o mar não escutará  
e moverá as negras ondas as negras mãos líquidas que não  
gesticulam  
mas gritam palavras desconhecidas em línguas diabolicamente  
estranhas

Não falarei enquanto falo ao mar  
E ouço nomes que se assemelham ao nome dela. Mar  
O querubim de olhos engraçados e sem um braço repete também  
esse nome  
como um mantra  
uma loa  
um poema monótono  
um poema bélico.

Não falarei sobre a dúvida ou  
as bifurcações impossíveis das quadras em forma de triângulo  
que se amontoam nas ruas de um bairro sujo e distante  
Das pequenas ondas lentas, mornas e cinzas com a chuva monótona  
E tampouco falarei das ondas. Nunca as ondas  
roçando o teu torso macio de anjo pelas ruas  
agora vagando sem rumo, mutilado, boiando  
apodrecendo nesse vaivém das águas

A cidade é o cão do poeta. Hoje a cidade está nua

#### NOLI ME TANGERE

Soa a palavra escura. Incompreensível  
Não caminho mas caminho  
hoje escrevo sobre tuas cinzas. Escrevo  
sem um pássaro para ouvir ou cantar  
Só o silêncio e a pedra antiga me escutam  
Escrevo para a dúvida  
corpo em abismo. Escrevo  
para construir um céu ou um pomar  
para tingir um vestido  
Cantar a morte ou derrubar um obelisco  
E desescrevo e o céu desaparece  
como tu desapareceste na noite  
entre as balas dos que não te querem. Escrevo

para desdizer o poema nunca escrito  
e que venham os espíritos  
os cães vadios dizem palavras  
bebam o veneno  
roam o osso  
e depois cantem  
aquela ária retorcida sobre o teu corpo  
Para escrever palavras santas sento ao lado do senhor  
abro a janela para nunca mais sair  
e brincar e furiosamente. Serei um cão  
Filha da palavra escura. Incompreensível. Sou. És as cinzas  
Escrevo  
Para costurar tua mortalha com agulha sombra e silêncio  
ir do fim ao princípio alinhavando  
*Cantar para o corpo  
unindo o algodão branco  
e o visgo do barro negro  
à sombra do verso torto*

Para desmanchar o poema dobro o sudário  
porque amanheceu e as luzes se apagaram  
e a rua sangra sob o massacre  
Sob a luz não: nenhuma dor  
Guardo teu corpo. Agulha sombra e silêncio para as cruces de agosto.  
Escrevo  
Para esquecer o poema às 5  
enquanto lavo o rosto  
e visto o casaco  
e o século acaba sem velas acesas  
Pés descalços sigo teu cortejo  
que passa  
oh jardins destruídos. Entre cadeiras ensolaradas caminho  
beirando os muros da cidade  
E quando o sol surgir espalharei tuas cinzas entre flores  
sobre esse mar cor de jade

**Leandro Rodrigues** (Osasco, 1976) | Publicou os livros *Aprendizagem cinza* (2016), *Faz sol mas eu grito* (2018) e *Todas as quedas são livres* (2020), além de participar de diversas coletâneas: *Hiperconexões* (2017), *Sarau da Paulista* (2019), *MedioCridade* (2019), *70XCaio* (2019), *Clausura* (2020) etc. Teve poemas traduzidos e publicados na Espanha e nos Estados Unidos. Participou da Antologia de poesia brasileira contemporânea da revista DUSIE nº 21 da UCLA.

### *Ícaro*

A Ícaro seu voo  
rente ao sol asas de cera  
a queda brusca e inevitável  
rufada sombra ao precipício

A Ícaro a palavra  
no tempo de vela derretida  
as penas descoladas  
a alada simetria da chama  
resiste ao vento

A Ícaro o canto do pássaro  
o vértice do outro limite  
o solo de nuvem  
o solo de nuvem  
do instante  
de todo instante

### *Isadora dança*

Isadora Duncan  
mesmo morta  
ainda dança na contraluz  
da Lua

Isadora ousa precipita-se  
num passo solto  
e profundo  
patedê precipício

Então salta num voo  
livre tênue  
pasodoble  
frágil-infinito.

***Leila livre Leila***

apenas em sua liberdade  
esse azul vai além  
de espanhas e holandas.

| poemas do livro *Todas as quedas são livres* (Editora Penalux, 2020). |

**Felipe Pauluk** | Um curitibano residente em Londrina, jogou na loteria da vida e, numa quina, tirou o menor prêmio, a literatura. Lançou seu primeiro livro, *Meu Tempo de Carne e Osso*, em 2011. *Hit The Road, Jack*, romance, em 2012. Em 2015, *Town*, outro romance. *Comida di butequim* e *Tórax de São Sebastião* foram seus dois livros de poemas publicados em 2016. Em 2017, lançou pela Bar Editora *Manual Prático de Perna Mecânica para Cantores*. Felipe também é roteirista.

### *poema em três partes, mas é um só*

escalando o tempo provisório  
a mão salta para pedra mais próxima  
do meu olho que te afaga  
e tudo vira saltos e agulhas  
ou salto-agulha  
e entra pela minha veia da testa  
e escreve teu nome  
em uma hemácia  
e pronto  
abarrota meu sangue  
infla meu peito

nem todo caminho de volta  
é uma trilha do passado

era o que eu queria escrever  
quando falei sobre o tempo

### *penicilina do diabo*

dos corações  
sangram grandes prédios,  
carros, motos envenenadas  
& amores talhados na cutícula



minhas costelas dão corda no tempo  
& os dedos cravam na carne de uma carpa virtual  
nas entranhas encontro você  
nas ovas têm um bebê-deus e um estado laico  
eu fabrico poesia aos sábados  
dentro de uma mesquita que me devora em sexo  
todos os ratos desta cidade  
dizem coisas boas sobre teu nome  
a penicilina do diabo  
é a saudade que mora entre o crânio e a poesia  
como um cordeiro imolado  
meu coração sangra grandes prédios,  
carros, motos envenenadas  
& amores talhados na tua cutícula [f.p.]

### *crua*

a risada mais crua do que nua  
tão crua que se vê o vazio  
um pouco de espaço  
entre as paredes  
e o cinza engolindo  
o azul do teu olho esquerdo

nunca a solidão foi tão bem pintada  
por você  
sem tela alguma  
sem carros ou cavalos  
prédios ou vidros embaçados

a coronha da tua saliva  
esfarelando a maçã do meu rosto  
dando cabo ao vento  
e chão aos aviões

nunca a solidão foi tão bem pintada  
por você

*minotauro*

se o tempo  
me é gastura  
e para o mel da tua boca  
não me há o tempo  
erroneamente existo

dissolvo-me em cigarros  
como um deus-menino  
descalço no ladrilho da sala de jantar  
cometendo o crime do resfriado  
pneumonia de ti

ancoro meus navios-tristezas  
em lombos de minotauros  
medo me assola  
nesta barriga gélida  
solidão do demônio

**Cândido Rolim** | Nasceu na cidade de Várzea Alegre, interior do estado do Ceará, nordeste do Brasil, em 1965. É poeta, crítico, fotógrafo e músico amador, reside atualmente em Fortaleza. Alguns livros publicados: *Arauto* (1988, Editora Dubolso, Sabará-MG), *Exemplos alados* (1997, Editora Letra & Música, Fortaleza-CE), *Pedra habitada* (2002, Editora AGE, Porto Alegre-RS), *Fragma* (2007, Editora Secult, Fortaleza-CE), *Camisa qual* (2008, Editora Éblis, Porto Alegre-RS), *Orumuro & Remerzbau* (2017, Editora Butecanis, Florianópolis-SC), em parceria com Ronald Augusto e Ricardo Pedrosa Alves, e *Sutur* (2018, Editora Texto Território, Rio de Janeiro-RJ), *Miniaturas*, Carnival Press, Londres, 2018, tradução ao inglês por Virna Teixeira e *Piedra Habitada*, Amotape, Lima, Peru, 2013, tradução de Oscar Limache e Alfredo Ruiz.

### *círculo*

Vale dizer o mesmo  
círculo turvo de conjeturas  
a exaustiva prática dos mesmos  
atos tipo andar  
criteriosamente em círculo sem  
ir a parte alguma repetindo  
olhando mesmo campo  
o cumprimento automático do  
mesmo percurso nada disso é  
privilégio dos encarcerados

### *anti estirpe*

Nem pai nem filho  
nem as ínguas do pai  
nem gorgulho da prole  
nem testa de casta

Nem natureza materna  
nem mácula de finado  
nem blindado na lisura  
de ascendente invocável

Nem perspicácia avoenga  
nem padrão de laico  
nem semente de víbora  
ou vitalícia bondade

Nem exemplo de fibra  
nem próximo ao abastado  
nem enfeite de mobília  
tampouco besta de carga

### *estofa moral do desjejum*

Sente o ouro da migalha  
na mesa reservada onde  
ceiam mandonas pós modorra  
vincos roçando os  
espaldares

Repare a prole roliça  
pervagueia entre rações  
balanceadas de inúteis  
advertências  
tudo cintado a um  
jugo invisível de ante  
pasto

*fui*

Aquele menino a quem o mestre  
vicente duba guardava aos pés  
das fornalhas do engenho  
para lhe contar piadas impróprias  
palavrões desaforos — tudo em  
troca da imagem crepuscular de  
sua corcunda sob o vapor  
adocicado das caldeiras e  
a risada quase sem dentes

tradução

0

**Olive Schreiner** (1855 — 1920) | Foi uma autora sul-africana, notória por sua escrita progressista. Uma das primeiras figuras literárias da África do Sul após a colonização inglesa, a publicação de maior sucesso de Schreiner é *The Story of an African Farm* (1883), obra considerada precursora da escrita feminista na literatura. Além do papel da mulher, a autora promovia outros temas tabus à época, como abolicionismo, agnosticismo e vegetarianismo.

**Rodrigo Moncks** | É tradutor e revisor de textos com formação em Letras (bacharelado, UFPel) e Estudos da Tradução (mestrado, UFSC).

*Dois minicontos poéticos do livro Dreams (Londres: T. Fisher Unwin, 1890), de Olive Schreiner, traduzidos por Rodrigo Moncks.*

### Life's gifts.

*I saw a woman sleeping. In her sleep she dreamt Life stood before her, and held in each hand a gift — in the one Love, in the other Freedom. And she said to the woman, "Choose!"*

*And the woman waited long; and she said, "Freedom!"*

*And Life said, "Thou hast well chosen. If thou hadst said, 'Love,' I would have given thee that thou didst ask for; and I would have gone from thee, and returned to thee no more. Now, the day will come when I shall return. In that day I shall bear both gifts in one hand."*

*I heard the woman laugh in her sleep.*

### Presentes da vida

Eu vi uma mulher dormindo.

No sono, sonhava que a Vida estava diante de si, segurando em cada mão um presente — em uma, o Amor, em outra, a Liberdade. Então ela disse à mulher: "Escolha".

A mulher esperou muito tempo e disse: "Liberdade".

Então a Vida disse: “Escolheste bem. Se tivesse dito Amor, eu lhe teria dado e então partido, sem nunca retornar a ti. Agora, chegará o dia em que voltarei. Nesse dia, hei de trazer os dois presentes em uma só mão”.

Eu ouvi a mulher rir enquanto dormia.

### **The artist's secret.**

*There was an artist once, and he painted a picture. Other artists had colours richer and rarer, and painted more notable pictures. He painted his with one colour, there was a wonderful red glow on it; and the people went up and down, saying, “We like the picture, we like the glow.”*

*The other artists came and said, “Where does he get his colour from?” They asked him; and he smiled and said, “I cannot tell you”; and worked on with his head bent low.*

*And one went to the far East and bought costly pigments, and made a rare colour and painted, but after a time the picture faded. Another read in the old books, and made a colour rich and rare, but when he had put it on the picture it was dead.*

*But the artist painted on. Always the work got redder and redder, and the artist grew whiter and whiter. At last one day they found him dead before his picture, and they took him up to bury him. The other men looked about in all the pots and crucibles, but they found nothing they had not.*

*And when they undressed him to put his grave-clothes on him, they found above his left breast the mark of a wound — it was an old, old wound, that must have been there all his life, for the edges were old and hardened; but Death, who seals all things, had drawn the edges together, and closed it up.*

*And they buried him. And still the people went about saying, “Where did he find his colour from?”*

*And it came to pass that after a while the artist was forgotten — but the work lived.*



## *O segredo do artista*

Havia um artista, que pintou uma obra. Outros artistas tinham cores mais caras e mais raras e pintaram quadros mais ilustres. Ele pintou o seu com apenas uma cor, de um intenso brilho vermelho, e as pessoas viviam dizendo: “Gostamos dessa obra, gostamos do seu brilho”.

Outros artistas vinham e diziam: “De onde tira essa cor?”. Eles perguntavam ao artista, que sorria e dizia: “Não posso contar”, e voltava a trabalhar, de cabeça baixa.

Um foi para o Extremo Oriente e comprou pigmentos caros, fez uma cor rara e pintou. Depois de um tempo, porém, a obra desbotou. Outro leu os livros antigos e criou uma cor cara e rara, mas quando a colocou na sua obra, parecia morta.

O artista seguiu pintando. Seus trabalhos se tornaram cada vez mais vermelhos, e o artista, cada vez mais branco. Um dia, encontraram-no morto diante de sua obra e o levaram para ser enterrado. Os outros artistas procuraram em todos os potes e cadinhos, mas não encontraram nada que já não tivessem.

Quando o despiram para vestir as roupas do sepultamento, encontraram no lado esquerdo do peito a marca de um ferimento muito antigo, que deveria estar ali durante toda a sua vida, pois as bordas estavam duras e envelhecidas. Mas a Morte, que veda todas as coisas, havia juntado as bordas, fechando a ferida.

Então o enterraram, e o povo continuou dizendo: “De onde tirava essa cor?”.

Aconteceu que, depois de um tempo, o artista foi esquecido — mas seu trabalho seguiu vivo.



## **selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo